



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL

KÁREN APARECIDA DE SOUSA ANDRADE

A LITERATURA COMO CRÍTICA SOCIAL EM SALA DE AULA: UMA LEITURA
DE *QUARTO DE DESPEJO*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

FORTALEZA

2023

KÁREN APARECIDA DE SOUSA ANDRADE

A LITERATURA COMO CRÍTICA SOCIAL EM SALA DE AULA: UMA LEITURA DE
QUARTO DE DESPEJO, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientador: Prof. Dr. José Leite de Oliveira Junior.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- A567l Andrade, Káren Aparecida de Sousa.
A literatura como crítica social em sala de aula : uma leitura de Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus / Káren Aparecida de Sousa Andrade. – 2023.
120 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação Profissional em Letras, Mestrado Profissional em Letras, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. José Leite de Oliveira Junior.
1. Quarto de despejo. 2. Memorialismo. 3. Semiótica Discursiva. 4. Letramento literário. I. Título.
CDD 400
-

KÁREN APARECIDA DE SOUSANDRADE

A LITERATURA COMO CRÍTICA SOCIAL EM SALA DE AULA: UMA LEITURA DE
QUARTO DE DESPEJO, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Linguagens e Letramentos.

Aprovada em: 07/07/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Leite de Oliveira Junior (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Márcio Araújo de Melo
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

Prof. Dr. Francisco Vitor Macêdo Pereira
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus por me proporcionar saúde para seguir meu caminho. À minha avó Ivonete por ser minha mãe, a que eu escolhi ter, ao meu avô Adelman, pelo esforço financeiro empreendido, e à minha tia Suely por, mesmo sem verbalizar, acreditar que eu sou capaz.

Ao meu esposo, companheiro e amigo Thales pelo suporte pessoal e emocional, além do amor a mim dedicado e a crença de que eu conseguiria. E pelos livros que me indicou e me presenteou ao longo da vida e deste percurso da pós-graduação que foram essenciais para a pesquisa.

À Capes pelo fomento aos Programas de Mestrado Profissional para Professores da Educação Básica.

À Universidade Federal do Ceará por proporcionar aos professores o retorno à vida acadêmica por meio do Mestrado Profissional em Letras e ao corpo docente desse programa de pós-graduação por todo o aprendizado ao longo desses dois anos.

Ao meu orientador, Professor José Leite Junior, por acreditar que eu seria capaz de empreender essa pesquisa num ramo totalmente fora da minha zona de conforto, a Semiótica Discursiva.

A todos os alunos que já tive desde 2014 quando ingressei na carreira de professora da rede estadual do Ceará, em especial aos da EEM Jesus Maria José, pois só na prática pude entender o sentido daquilo que faço.

Às minhas amigas da vida Geysimile, por sempre estar pronta para comemorar comigo, e Vanessa por acreditar que eu conseguiria sempre. Às minhas amigas da UFC Fernângela e Stefanie por serem presença na distância. Às minhas amigas de trabalho e parceiras de agonia Georgia, Maria e Ana Flávia por serem suporte no ambiente da sala dos professores e fora dela.

Às minhas amigas do mestrado e da vida Geórgia Karinne, por dividir as alegrias e as angústias do mestrado e do trabalho, Gisele e Naiara pelo suporte, nesses dois anos, tanto emocional quanto acadêmico. E às colegas da turma VII pelo compartilhamento de experiências e conhecimento. Muito obrigada!

*No fim das conta é tudo Ismália, Ismália
Quis tocar o céu, mas terminou no chão
(EMICIDA)*

RESUMO

A presente pesquisa, de caráter interventivo, situa-se no âmbito do letramento literário. Como *corpus*, pretende-se trabalhar com o título *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, obra memorialística publicada em 1960, da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, sabendo-se que se trata de produção literária que não faz parte do cânone literário escolar e acadêmico, mas que se mostra necessária como item de democratização da cultura, ainda mais se considerado o contexto da escola pública. O que motiva esta pesquisa é o trabalho com o gênero memorialístico, por conta de seu apelo empático, que convida à leitura por parte dos discentes, considerando-se como público-alvo alunas e alunos do 9.º ano do ensino fundamental. Como aporte teórico para este estudo, será utilizada a Semiótica greimasiana, mais especificamente a Semiótica Tensiva, proposta por Claude Zilberberg, com os desdobramentos propostos pelos estudos de Mariana Luz Pessoa de Barros, formuladora dos conceitos de *memória do acontecido* e *memória-acontecimento*. Com esse embasamento teórico, aplicado às etapas de trabalho com o texto literário propostas por Rildo Cosson, e aporte da Lei n.º 9.394/96, com seus derivados normativos, particularmente a Base Nacional Comum Curricular, foi produzido, como ferramenta didático-pedagógica, um caderno destinado ao referido alunado, mas com a possibilidade de adaptações para outras séries, acompanhado de instruções sobre procedimentos de aplicação para professoras e professores que atuam no nível fundamental – anos finais.

Palavras-chave: Quarto de despejo; memorialismo; semiótica discursiva; letramento literário.

ABSTRACT

The present research, of an interventional nature, is within the scope of literary literacy. As *corpus*, it is intended to work with the book *Child of the dark: diary of Carolina Maria de Jesus*, a memorial work published in 1960 by the Brazilian writer Carolina Maria de Jesus, knowing that it is a literary work that is not part of the school and academic literary canon, but which proves to be necessary as an item of the democratization of culture, even more if the public school context is considered. What motivates this research is the work with the memorialistic genre, due to its empathetic appeal, which invites students to read it, considering as target audience female and male students of the 9th grade of junior high school. As theoretical support for this study, it will be used the Greimasian semiotics, more specifically, the Tensive semiotics proposed by Claude Zilberberg with the developments proposed by the studies of Mariana Luz Pessoa de Barros, creator of the concepts of the *past-event memory* and the *event memory*. With this theoretical foundation, it was produced, applied to the stages of the work with literary texts proposed by Rildo Cosson and the contribution of the Law n. 9.394/96 with its normative derivatives, particularly the National Common Curricular Base, as a didactic-pedagogical tool, a notebook intended for the aforementioned student body, but with the possibility of adaptations for other grades, accompanied by instructions on application procedures for teachers who work at the elementary level – final years.

Keywords: Child of the dark; memorialismo; discursive semiotics; literary literacy.

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 - Sequência básica de Cosson.....	44
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Conceito de letramento.....	32
Figura 2 – Capa do material técnico.....	46
Figura 3 – Atividade seção 1 – <i>Leitura de imagem</i>	47
Figura 4 – Atividade seção 1 – <i>Sobre a leitura</i>	49
Figura 5 – Conceituação de gênero memorialístico na seção 1.....	51
Figura 6 – Atividade seção 1 – <i>Mergulhando no texto</i>	52
Figura 7 – Atividade seção 1 – <i>Mergulhando no texto</i> (continuação).....	54
Figura 8 – Atividade seção 2 – <i>Sobre a autora</i>	56
Figura 9 – Atividade seção 2 – <i>Hora de exercitar</i>	58
Figura 10 – Atividade seção 2 – <i>Estrutura básica do diário</i>	59
Figura 11 – Atividade seção 2 – <i>Produção textual</i>	60
Figura 11 (continuação) – Atividade seção 2 – <i>Produção textual</i>	61
Figura 12 – Atividade seção 2 – <i>Produção textual (reescrita)</i>	62
Figura 13 – Atividade seção 2 – <i>Oralidade</i>	63
Figura 14 – Atividade seção 3 – <i>Leitura</i>	64
Figura 14 (continuação) – Atividade seção 3 – <i>Leitura</i>	65
Figura 15 – Atividade seção 3 – <i>Produção textual</i>	67
Figura 16 – Atividade seção 4 – <i>Para começar a conversa</i>	68
Figura 17 – Atividade seção 4 – <i>Leitura</i>	69
Figura 18 – Atividade seção 4 – <i>Hora de opinar</i>	70
Figura 19 – Atividade seção 4 – <i>Oralidade</i>	71

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CF	Constituição Federal
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PROFLETRAS	Mestrado Profissional em Letras
PROLER	Programa Nacional de Incentivo à Leitura
PNLL	Plano Nacional do Livro e Leitura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. O DIÁRIO.....	17
2.1 O diário e a escrita sobre si mesmo.....	17
2.2 A importância do gênero memorialístico.....	19
2.3 Carolina ou Bitita.....	20
2.4 Carolina e a resistência refletida na escrita.....	23
3.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	27
3.1 Contextualização normativa.....	27
3.1. 1 <i>A Constituição Federal de 1988 e o direito a estudar</i>	27
3. 1. 2 <i>A Lei de Diretrizes e Bases da Educação e a reafirmação do direito à educação</i>	29
3.1.3 <i>A BNCC e a Semiótica</i>	30
3.2 Noções de Letramento literário.....	32
3. 3 Semiótica discursiva: panorama geral.....	36
3.4 Semiótica Tensiva e os conceitos de <i>memória do acontecido</i> e <i>memória</i>	37
3.5 Análise de trechos de <i>Quarto de despejo: diário de uma favelada</i> sob pressupostos semióticos.....	38
4. METODOLOGIA.....	41
4.1 Contexto da pesquisa	41
4.2 Público-alvo	42
4.3 Material	42
4.4 Procedimentos	43
4.5 4.5 O material técnico – Caderno de atividades.....	45
5 CONCLUSÃO.....	73
REFERÊNCIAS.....	75
APÊNDICE.....	79

1 INTRODUÇÃO

Muito se discute a respeito da importância do trabalho com o texto literário em sala de aula, principalmente no que concerne a este ser relegado a pretexto para as atividades de análise linguística, esquecendo-se da relevância da literatura na formação intelectual e social do ser humano.

Pensando nisso, no intuito de impulsionar o letramento literário na sala de aula do 9.º ano do ensino fundamental, esta pesquisa se faz necessária por sua busca pelo aprimoramento das aulas em que se trabalha o texto literário, evitando-se a redução do discurso literário a mero instrumento para as aulas de análise de elementos linguísticos e/ou mote para a produção de texto. Todavia, compreende-se que há muitos desafios envolvidos, como o pouco reconhecimento do papel transformador da literatura decorrente do preconceito de que esta é uma atividade supérflua, uma espécie de “capricho” para poucos.

Embora os primeiros passos para o início de uma sociedade leitora tenham sido dados no século XIX, ainda no período monárquico (LAJOLO, 2019), a concretização não ocorreu até a atualidade, visto que ainda há muitos percalços ao longo da trajetória da leitura e da literatura no Brasil, como a superação de aulas de história da literatura, cujo foco está em autores e marcos temporais das chamadas “escolas literárias”, isto é, “não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza” (COSSON, 2021, p.23). Além disso, percebe-se as aulas de literatura estão cada vez menores, inclusive no ensino médio com as mudanças relacionadas ao Novo Ensino Médio.

Além disso, sabe-se que aqui o acesso aos meios culturais, de uma maneira geral, está concentrado nas mãos de uma elite. Isso se dá, na maioria das vezes, pelo baixo incentivo de governantes a políticas culturais eficientes, pela pouca escolaridade de uma grande parcela da população, além do seu baixo poder aquisitivo, já que comprar um livro ou ir a um teatro custa muito caro.

Para que o entrave do acesso seja resolvido, um dos caminhos a seguir deve ser a transformação de uma população pouco alfabetizada em letrada, o que não é tarefa fácil, tendo em vista que o consumo de livros é baixo na sociedade brasileira, por motivos anteriormente citados, dentre outros. Nesse sentido, para Zilberman (1988), há a necessidade de se combater e eliminar o analfabetismo, de maneira que a literatura seja prazerosa, configurando-se como um hábito cultivado no ensino formal e na relação deste com o

informal, particularmente no âmbito familiar. Embora existam programas voltados para o acesso à leitura, ainda há necessidade de aprimoramento destes. Uma das maneiras para que isso se realize é o governo subsidiar a abertura de bibliotecas, por exemplo, em lugares carentes desse equipamento cultural tão caro ao povo.

Iniciativas, como o Programa Nacional de Incentivo à Leitura – PROLER (BRASIL, 1992), de 1992, ou o Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL, de 2006 (MARQUES NETO, 2010), cujo objetivo é a democratização do acesso à leitura no país, são de grande relevância no que tange à busca pela diminuição das taxas de analfabetismo.

Destarte, vale mencionar que a sociedade brasileira é submetida a uma literatura consolidada no cânone literário. Aqui salienta-se que não significa dizer que somente são considerados como textos literários aqueles que estão presentes no círculo de relevância anteriormente citado. É neste ponto que a intermediação do professor pode ser definidora para que o gosto pela leitura tome forma e que esta seja algo corriqueiro na vida dos alunos. A fim de que isso ocorra, é preciso que o docente demonstre abertura ao que não está no cânone, para que se reconheça que há uma pluralidade na escolha dos textos que serão vistos.

Tendo em vista a defasagem no que diz respeito à compreensão leitora no ensino de língua portuguesa e, por vezes, a ausência de sistematização no uso do texto literário em sala de aula no ensino fundamental, surge a necessidade de pesquisas que tragam o letramento literário para o centro da discussão. Além disso, vê-se a importância de se trabalhar gêneros literários que, de alguma forma, acrescentem um saber social e crítico à vida dos alunos. Por isso, manifesta-se a ideia de utilização do gênero memorialístico como forma de fazer crescer o gosto pela leitura.

Nessa perspectiva, o letramento literário deve orientar os estudos em sala de aula, levando-se em consideração que se trata do processo de apropriação da literatura enquanto linguagem (COSSON, 2021), portanto, é contínuo, algo que, aliás, não se encerra na escola, mas que ocorre durante toda a vida do homem em sociedade. Tal é o ponto de vista, vale lembrar, do direito à literatura defendido por estudiosos como Antonio Candido (1995), para quem a literatura, além de universal, tem a característica de ser humanizadora.

Ademais, fala-se aqui de letramento literário enquanto prática social (COSSON, 2021), isto é, há que se considerar o homem individualmente, mas também inserido em uma sociedade. É neste ponto que é possível trabalhar a leitura literária como ato solidário, já que só se concretiza na constante troca entre leitor, autor e sociedade. Não se traduz como letramento literário, portanto, a ideia de que “ler bem” está intimamente ligado à adesão ao

fazer persuasivo do professor e à proposta de leitura dos “bons escritores” (ZILBERMAN, 1996).

Merece atenção, nesta pesquisa, para o texto literário entendido como objeto de conhecimento, considerada sua singularidade como realização discursiva. A propósito, Tzvetan Todorov (2012) afirma que é importante que o aluno tenha competência sobre aspectos estruturais e estilísticos de um texto ou história da literatura, desde que isso não implique comprometer a literatura como fruição.

Ainda que a competência leitora abranja todo o ensino básico, é no nível fundamental que a necessidade de pesquisas relacionadas ao letramento literário ganha maior relevância. É o momento em que se pode chegar à adesão do leitor assíduo, o que pressupõe um progressivo trabalho didático-pedagógico, com investimento em técnicas de leitura, partindo-se da simplicidade para a complexidade do fazer interpretativo, num progressivo desafio ao longo das séries do ensino formal (COSSON, 2021).

Dentre as múltiplas espécies literárias, esta pesquisa tem como foco o gênero memorialístico, o qual consiste na escrita a partir das lembranças pessoais, mas que podem ser reinventadas (BOFF; KOCHÊ, 2009). Importa reconhecer que por seu apelo empático, o memorialismo não passa despercebido em iniciativas oficiais, com significativa adesão de quem se dedica ao ensino e à aprendizagem de língua e literatura. Tal gênero, por exemplo, vem sendo trabalhado na Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa, o que também ratifica a sua importância para o ensino de literatura e para a busca pelo prazer na escrita das memórias. Apesar disso, a Base Nacional Comum Curricular (2018) não traz o gênero memorialístico como algo a ser trabalhado no componente curricular língua portuguesa nos anos finais do ensino fundamental, nem mesmo no campo artístico-literário. De fato, a memória vai aparecer de forma efetiva no componente curricular língua portuguesa – anos iniciais – e na área de Ciências Humanas, respectivamente, como memória individual e memória coletiva (FERREIRA; OLIVEIRA, 2019).

No que concerne, ainda, ao gênero memorialístico, utiliza-se como aporte teórico a Semiótica greimasiana, cujo enfoque está centrado nos conceitos de *memória do acontecido* e na *memória-acontecimento*, formulados por Mariana Barros, a partir da proposta semiótico-tensiva de Claude Zilberberg (BARROS, 2016). Nessa abordagem, estudam-se as estratégias da enunciação projetadas no enunciado, com efeitos de sentido mais ou menos subjetivantes. Sendo assim, a teoria greimasiana e a tensiva proporcionarão uma análise discursiva da obra em estudo por meio do *percurso gerativo de sentido* e dos conceitos de *memória do*

acontecido e memória-acontecimento, a fim de chegar a conclusões a respeito do que pretende dizer o texto em análise e como faz para dizê-lo.

Um ponto importante a ser destacado é que pesquisas nesse âmbito, especificamente no Programa de Mestrado Profissional em Letras - Profletras, ainda são pouco difundidas, sobretudo aquelas apoiadas numa base teórico-metodológica semiótica.

Também é mister destacar a obra escolhida como *corpus* à pesquisa. Trata-se de *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, publicado em 1960 pela editora Francisco Alves; já a edição a ser utilizada nesta pesquisa será da editora Ática, do ano de 2014. O livro traz a oportunidade de valorização de vozes historicamente silenciadas: feminina, negra, periférica.

Esse livro foi traduzido para os mais diversos idiomas, após Carolina conseguir a publicação de seu diário em 1960, mas isso não aconteceu rapidamente. Foram anos transcorridos, até que fosse descoberta, tendo em vista que a primeira página do diário é datada do dia 15 de julho de 1955 e a última do dia 01 de janeiro de 1960. Nesse ínterim, o jornalista Audálio Dantas chega à favela do Canindé para fazer uma reportagem, mas percebe que o que vinha sendo escrito por Carolina não seria contemplado pela escrita dele; assim, em 1958 é publicada a primeira matéria de jornal com a reprodução de trechos do diário, na *Folha da Noite*; a segunda reportagem sai em 1959, na revista *O Cruzeiro*. Em 1962, o livro foi traduzido para o inglês e para o francês e publicado nos Estados Unidos como *Child of the Dark* e na França como *Le dépotoir* (OLIVEIRA, 2012). Ainda assim, sua obra faz parte de uma literatura marginalizada, portanto, não pertencente ao cânone literário, o que, ainda hoje, poderia impedir que adentrasse uma sala de aula, por exemplo. No entanto, essa ocorrência vai de encontro ao que dispõe a Constituição Federal de 1988 em seu artigo 216, o qual versa sobre os direitos das minorias, além da preservação do patrimônio destas.

Ademais, a lei 11.645/2008 traz a obrigatoriedade da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena no ensino, juntamente com a lei 12.796/2013, art. 3.º, inciso XII, tendo este último especificamente uma compreensão norteadora sobre a questão da diversidade étnico-racial. Embora haja vários textos na legislação sobre o assunto aqui tratado, percebe-se que ainda há um longo caminho a percorrer até que se consiga tratar adequadamente desses temas em sala de aula. Já que se trata neste trabalho sobre literatura, é válido destacar a importância de se ler e falar sobre escritores negros nas aulas, a fim de evitar o “epistemicídio”, isto é, “o apagamento sistemático de produções e saberes produzidos por grupos oprimidos” (RIBEIRO, 2019, p. 61).

Além disso, a autora era de baixa escolaridade, um agravante para que a sua obra fosse descredibilizada, como se a competência literária fosse proporcional à escolaridade, pretextando, assim, um silenciamento da voz feminina e negra na literatura brasileira. Carolina Maria de Jesus era uma dessas lutadoras, mesmo que não o fizesse diretamente: mulher, negra, mãe solo, optou por não se casar, para que seus afazeres não fossem cerceados por um homem. Encontra-se aí mais um ponto importante para a continuidade desta pesquisa: a discussão sobre o papel da mulher na sociedade e na literatura brasileira. O assunto se liga ao conceito-denúncia de “excluídos da história” de Michelle Perrot (2017), a propósito do grupo do qual as mulheres fazem parte, apesar das lutas diárias para a mudança social no que diz respeito ao patriarcalismo.

Dado o objeto e o gênero literário em questão, o presente trabalho será pautado, do ponto de vista didático-pedagógico, em estudos relativos ao letramento com Magda Soares (2009) e, mais especificamente, ao letramento literário com os estudos de Rildo Cosson (2021). Haverá embasamento, ainda, em trabalhos relacionados à teoria Semiótica proposta por Greimas, tais como os de Diana Luz Pessoa de Barros (1990), Mariana Luz Pessoa de Barros (2016), José Luiz Fiorin, além de Américo Saraiva e Ricardo Leite (2017). Por fim, no que é relativo especificamente à obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, será feita uma leitura de teses, dissertações, artigos, ensaios, cujo foco seja o legado de Carolina Maria de Jesus, sobretudo no que tange à experiência de leitura de sua obra no âmbito escolar, a exemplo de estudiosos, como Roberta Alves (2016), Rilza Toledo (2016), dentre outros textos.

Em suma, espera-se contribuir com este trabalho para a expansão da utilização do letramento literário nas aulas de literatura do 9.º ano do ensino fundamental na escola pública, além da quebra de paradigmas no que concerne à recepção da literatura marginalizada na escola, a fim de tornar as aulas culturalmente democráticas. Para isso, foi elaborado um caderno de intervenções didáticas com estratégias facilitadoras do fazer interpretativo aplicável ao 9.º ano do ensino fundamental, por meio de discussão de conceitos das Semióticas Discursiva e Tensiva no texto literário de base memorialística.

Nessa perspectiva, o trabalho aqui apresentado é aplicado, não no sentido de uma pesquisa com coleta de dados, mas partindo do pressuposto de que se pretende gerar conhecimentos para aplicação prática, a fim de resolver problemas específicos (PRODANOV; FREITAS, 2013). Assim, a pesquisa realizada surgiu de uma leitura de uma obra literária juntamente com dificuldades no fomento do letramento literário na sala de aula, com o intuito de alcançar esse letramento apoiado em um material técnico e pedagógico.

Nessa mesma ótica, o Mestrado Profissional em Letras tem como objetivo pesquisas de cunho aplicável, no entanto, em 2020 iniciou-se o processo de seleção para a formação da turma VII do referido programa, quase simultaneamente ao período em que o mundo foi assolado por uma pandemia e, conseqüentemente, pelo isolamento. Com isso, as aulas foram suspensas, instituiu-se o *home office* e, posteriormente, as aulas no modelo remoto. Os únicos órgãos que não puderam parar foram os de serviços essenciais, como: supermercados e hospitais.

Assim, as aulas iniciaram em 2021, com a pandemia de coronavírus ainda em pleno curso, o que ocasionou aulas no modelo remoto, levando em conta as medidas de prevenção ao vírus. Tendo em vista essa crise sanitária, as escolas, os cursos técnicos, as universidades públicas e privadas tiveram que se adaptar a essa nova realidade, adotando o ensino remoto.

Em vista disso, o Mestrado Profissional em Letras tornou pública a resolução de número 003/2021 votada pelo conselho gestor do programa, no dia 31 de março de 2020, sobre a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso da turma VII. Segundo esse documento e, considerando o enfrentamento da pandemia da covid-19, o trabalho final do curso, constituído pela dissertação de mestrado e o caderno pedagógico, deve ter caráter propositivo, o que implica a não aplicação nas salas de aula presenciais, uma vez que elas foram suspensas. Assim, deve ser apresentado um produto de pesquisa, no formato de sequência didática, material didático ou *software*.

2 O DIÁRIO

A escolha pelo trabalho de pesquisa com o diário tem relação com a acessibilidade da leitura desse gênero textual, além da fácil identificação por parte das pessoas que o leem. Para efeito de conceituação, será utilizado o *Dicionário de gêneros textuais* (2014), de Sérgio Roberto Costa, no qual se afirma que

Na literatura, obra em que o autor relata cronologicamente fatos ou acontecimentos do dia a dia, consigna opiniões e impressões, registra confissões e/ou meditações, etc., havendo uma grande diversidade discursiva: de relato, narrativa, expositiva, argumentativa ... Esses diários são de caráter público, porque depois de escritos, são frequentemente publicados, muitas vezes após muito tempo, e tornam-se produtos de consumo de massa.

Os demais, que continuam na intimidade de seus autores, mantêm o caráter de gênero discursivo não literário, considerados apenas como diários e não como literatura. Trata-se de uma prática discursivo-escrita muito comum, principalmente entre as mulheres, a partir do romantismo, que é o registro de seu cotidiano, quase que a cada dia. Ficou conhecido como Diário Íntimo ou Pessoal, pois são escritos pessoais, privados, resultados da autoexpressão: impressões, desabaços, fatos, relatos, etc. (p. 100)

Sendo assim, nota-se que, independentemente da publicação ou não, o diário tem um conteúdo voltado para a exposição em papel dos sentimentos e acontecimentos da vida daquele que escreve. Em geral, a escrita é de si para si mesmo, excetuando-se os casos de diários que tomaram fama, por conta de algum acontecimento especial na vida de seu autor que o levaram à condição de público.

2.1 O diário e a escrita sobre si mesmo

Escrever sobre si mesmo é um ato comum e alcança todas as classes sociais, desde os mais ricos até os mais pobres, principalmente pessoas do gênero feminino, fazendo com que “pessoas *comuns/ordinárias* registrem/construam/inventem ações da experiência cotidiana através de práticas de escrita biográfica e autobiográfica” (CUNHA, 2007, p. 45 – grifos da autora). Assim, os diários íntimos são responsáveis por carregar consigo as dores e alegrias da vida de várias pessoas ou, simplesmente, um relato com ou sem grandes emoções sobre um determinado dia, mas, no geral, um texto sempre marcado pelos detalhes. Sobre *a escrita de si mesmo*, Foucault ¹(2006) afirma:

A escrita de si mesmo aparece aqui claramente em sua relação de complementaridade com a anacorese: ela atenua os perigos da solidão; oferece aquilo que se fez ou se pensou a um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro [...] (p.145)

¹“A escrita de si”, *Corps écrit*, nº5: *L'autoportrait*, fevereiro de 1983, ps. 3-23.

Portanto, percebe-se a importância que tal momento íntimo pode ter na vida de alguém, tendo em vista que, ao escrever, o sujeito não se sentirá solitário e, ao mesmo tempo, pode ser uma possibilidade de se expor sem grandes temores de julgamentos, porque, no geral, o diário se dá numa escrita para si mesmo. Assim, é possível considerar esse escrito como uma espécie de refúgio, um espaço para guardar lembranças, tal qual uma *cápsula do tempo*. Logo, como afirma Cunha (2007, p. 48), “o diário pode ser um dos recursos mais importantes para a expressão, o cultivo e a auscultação do íntimo onde se pode guardar e velar aquilo que constitui uma das facetas mais preciosas da identidade que é a própria intimidade”.

Interessante é perceber que tal prática de escrita sobre si mesmo ainda acontece num período em que, ao que parece, o ideal é expor sua imagem o máximo que conseguir, não se esconder nas páginas de um diário. Inclusive, é, ainda, válido destacar que os diários foram atualizados, inicialmente, para *blogs* e, nos dias de hoje, são, aos poucos, relegados a segundos de vídeos curtos publicados em redes sociais, os chamados *stories* do Instagram ou *status* do WhatsApp, o que os torna paulatinamente pouco íntimos, tendo em vista o alcance que tais postagens podem ter a depender do número de seguidores que a pessoa tenha nas redes sociais. Portanto, percebe-se que os receios de que seu diário seja lido por alguém que não deve são perdidos nesse contexto das redes, em que o *eu* se encontra a cada dia mais à mostra diante do *outro*.

No entanto, séculos atrás, era mais comum tentar falar de si mesmo sozinho em seus escritos ou em autobiografias (do grego *-autos* auto + *-bios* vida + *-graphein* escrita)², estas são mais ligadas aos nobres, tendo em vista que não é a vida de “qualquer” pessoa que interessa a outras, assim

A autobiografia passa a narrar a vida heróica dos mártires históricos, sujeitos atuantes no poder e influentes na sociedade de classes; com isso, une subsídios alinhavando uma série de fatos colhidos nestes relatos tendo-os como verdadeiramente ocorridos, de maneira que as narrativas autobiográficas serviram para compor o que conhecemos por História Oficial. Para tanto, era importante que o autobiógrafo gozasse de prestígio, popularidade e autoridade no campo atuante mencionado em seu relato de vida; [...] (TOLEDO, 2011, p. 28)

A autobiografia é entendida aqui a partir dos pressupostos de Lejeune (1996), em que o autor afirma que “Relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, pondo ênfase em sua vida individual e, em particular, na história de sua personalidade.”³ (p. 14 – tradução da pesquisadora). Entretanto, é mister ressaltar que o foco

² Disponível em: <https://etimologia.com.br/biografia/> Acessado em: 30 de abril de 2023.

³ “Recit retrospectif en prose qu'une personne reel/e fait de sa propre existence, lorsqu'el/e met l'accent sur sa vie individuelle, en particulier sur l'histoire de sa personnalite.” (LEJEUNE, 1996, p. 14)

desta pesquisa não é a autobiografia, mas não é pertinente falar de diário sem citá-la, tendo em vista que ambos os gêneros fazem parte da escrita narrativa autodiegética, isto é, em que o narrador é o protagonista da história que conta, e possuem características bastante próximas nessa literatura de cunho mais íntimo, diferenciando-se em relação ao tempo da escrita, tendo em vista que o diário foca num passado mais próximo, já a autobiografia narra fatos de uma vida toda.

2.2 A importância do gênero memorialístico

O trabalho com as memórias tem relevância na literatura, tanto nacional quanto internacional, a exemplo de textos, como *Confissões de Santo Agostinho*, *Diário de Anne Frank* ou, aqui no Brasil, o *Diário Íntimo* de Lima Barreto. Portanto, acredita-se que não se esgotaram os estudos voltados para esse gênero e que, portanto, faz-se necessária a busca por mais pesquisas na área.

A fim de esclarecer a respeito dessa importância do gênero memorialístico, é significativo destacar o trabalho feito pela Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa com as memórias literárias e que já conta com sete edições, demonstrando, assim, o quanto pode ser promissor conduzir a escrita a partir da rememoração do que foi vivido, já que “A memória é uma ilha de edição” (2014, p. 235), como bem coloca Waly Salomão em seu poema *Carta aberta a John Ashbery*, de 1995.

Sendo assim, essa “ilha de edição” é responsável por trazer à tona as lembranças e (re)definir um espaço ocupado por quem conta com o intermédio da escrita. O Portal Escrevendo o Futuro confirma isso no trecho que segue:

Memórias literárias geralmente são textos produzidos por escritores que, ao rememorar o passado, integram ao vivido o imaginado. Para tanto, recorrem a figuras de linguagem, escolhem cuidadosamente as palavras que vão utilizar, orientados por critérios estéticos que atribuem ao texto ritmo e conduzem o leitor por cenários e situações reais ou imaginárias.⁴

Dessa forma, vê-se que se utilizar de gêneros ligados à memória, em especial o diário, em sala de aula tem bastante relevância, inclusive, no que tange ao elo criado entre o que somos e o que vivemos, refletindo, assim, no processo de formação da identidade pessoal, pois, conforme Lahni é ela a responsável pela ligação entre toda a sucessão de *eus* que existiram desde nossa concepção até o momento presente.

⁴Disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/introducao-ao-genero-memoria/index.html Acessado em 01 de maio de 2023.

No que diz respeito às recordações elencadas por Carolina Maria de Jesus em *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, vê-se a literatura negra como lugar de memória (EVARISTO, 1996) e a busca pela construção da identidade intermediada pela escrita sobre as suas adversidades, por esse motivo é que se afirma que ela é uma escritora improvável (SANTOS, 2009). Portanto, falar de Carolina é retomar questões sobre racismo e precarização social advindas desde os tempos mais remotos da construção da sociedade brasileira e que não se esgotaram na atualidade.

As memórias presentes em seu primeiro livro publicado, apesar de terem como foco os momentos na favela do Canindé, são reflexo de um passado escravista sobre o qual o povo construiu a sua história, mas que não se apagou, tampouco acabou. O fato de Carolina ter estudado apenas dois anos, por exemplo, durante toda a sua vida tem relação com a ausência de acesso por parte de seus antepassados escravizados ao ambiente escolar, prova disso é que se avô e sua mãe eram analfabetos, bem como tios e primos aos quais ela faz referência em outros escritos, o que demonstra que essas memórias não são apenas dela, pois “No que se refere à representação literária da mulher negra, percebe-se que é ainda ancorada nas imagens do seu passado escravo” (LAHNI, 2009, p.57).

Além disso, nota-se que o que é escrito por ela em *Quarto de despejo*: diário de uma favelada não diz apenas sobre uma mulher, mas sobre várias Carolinas espalhadas pelo país, demonstrando, assim, a dimensão coletiva das memórias da autora, como destaca Toledo (2016). Essas outras mulheres estavam ali ao lado dela na favela do Canindé, mesmo que Carolina não se veja nelas, se enxergue de forma totalmente diferente, ambas vivenciam as dificuldades, obviamente de pontos diferentes. Entretanto, não se limita às contemporâneas dela, nesse ponto se encontra a universalidade da literatura, mesmo quando é classificada como marginal ou menor.

2.3 Carolina ou Bitita

Carolina Maria de Jesus nasceu em 14 de março de 1914, em Sacramento, Minas Gerais. A mãe Maria Carolina de Jesus, conhecida também como Cota, engravidou de Carolina ao envolver-se amorosamente com João Cândido Veloso, o que Bitita só foi descobrir ao longo da vida, conforme o trecho de uma outra publicação da autora, *Diário de Bitita* (1986), em que afirma

Eu invejava a minha mãe por ter conhecido pai e mãe.

Várias vezes pensei interrogá-la para saber quem era o meu pai. Mas faltou-me coragem. Achei que era atrevimento da minha parte. Para mim, as pessoas mais importantes eram a minha mãe e o meu avô.

Ouvia as velhas dizer que as crianças têm que obedecer aos pais e respeitá-los. Um dia, ouvi da minha mãe que o meu pai era de Araxá, e o seu nome era João Cândido Veloso. E o nome de minha avó era Joana Veloso. Que o meu pai tocava violão e não gostava de trabalhar. Que ele tinha só um terno de roupas. Quando ela lavava a sua roupa, ele ficava deitado nu. Esperava a roupa enxugar para vesti-la e sair. Cheguei à conclusão que não necessitamos perguntar nada a ninguém. Com o decorrer do tempo vamos tomando conhecimento de tudo. (p. 8)

Como é possível perceber, os pais de Carolina não permaneceram juntos por muito tempo, impedindo-a de ter um vínculo com o homem. No entanto, a criança Bitita teve a chance de ter uma presença paterna na figura do avô Benedicto José da Silva, pai de sua mãe Maria Carolina. A menina e o avô mantinham uma boa relação como se nota a seguir: “Minha mãe me espancava todos os dias. Quando eu não apanhava sentia falta. Então compreendi que o vovô era o meu defensor. O meu irmão era o predileto. Quando a mamãe me batia eu ia para a casa do meu avô.” (JESUS, 1986, p. 25)

Por intermédio de dona Mariquinha, patroa da mãe da menina, Carolina ingressou no Colégio Allan Kardec, primeira escola de vertente espírita do país. Ela estudou por pouco tempo, frequentou apenas dois anos, parou de estudar aos 9 anos de idade, por conta de uma mudança de cidade, por motivos de trabalho de sua mãe e de seu padrasto José Romualdo em uma lavoura na cidade de Uberaba, em que a menina também precisou trabalhar para ajudar. Entretanto, nos dois anos em que pôde estudar, Carolina foi uma aluna dedicada e amava a leitura, sentimento que perdurou ao longo de toda a sua vida, conforme ela afirma, posteriormente, em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*: “21 de julho [...] Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem.” (JESUS, 2014, p. 24)

Carolina, ainda jovem já sofria bastante na vida, adquiriu uma doença nas pernas que lhe causavam ferimentos, buscou tratamento em diversos locais. Foram anos até que finalmente sarasse, nesse ínterim ela sofreu diversas humilhações, dentre outras coisas por conta de sua doença.

Em janeiro de 1937, Carolina chega a São Paulo e continua a saga de dificuldades financeiras em trabalhos mal pagos, como doméstica ou cozinheira, mas já tinha em si desde muito tempo o sonho de ser *poetisa*, o qual tentou realizar também por uma breve passagem pelo Rio de Janeiro, à época capital federal, segundo um de seus biógrafos, Tom Farias, em *Carolina: uma biografia* (2018).

No final da década de 1940, chegou à favela do Canindé em São Paulo, grávida, ainda assim, construiu sozinha com sobras de madeira o seu barraco, o qual ficaria conhecido

pelo livro publicado em 1960, objeto de estudo desta pesquisa, *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. Nesse local cresceram os três filhos da escritora: João José, José Carlos e Vera Eunice. Nesse período, Carolina já catava papel e outros objetos para vender e conseguir minimamente suprimentos para ela e as crianças que foram nascendo, já que não tinha apoio dos pais de seus três filhos.

Foi também na favela do Canindé que Carolina conheceu o jornalista Audálio Dantas em 1958, repórter, encarregado de escrever uma matéria sobre aquele local, ao conhecer a escritora, percebeu que o que ele pretendia fazer, ela já tinha feito em tantos cadernos que Carolina tinha escrito em seu barraco. A matéria saiu naquele mesmo ano na *Folha da Noite*, e, posteriormente, na revista *O Cruzeiro*, em 1959. Em 1960, saiu a primeira edição do livro, que atualmente já tem dez edições, além de uma versão comemorativa pelos 60 anos desde a primeira publicação.

O lançamento do livro foi um momento de muito orgulho para a escritora, pois ela autografou 800 livros, segundo Tom Farias (2018), 200 deles antes do horário do lançamento. Carolina chega a relatar em *Casa de Alvenaria* (1961) que se sentiu tratada como uma imperatriz e que os favelados ficaram abismados com o que viam. Além disso, *Quarto de despejo*: diário de uma favelada foi traduzido para 13 línguas, além de ter circulado em diversos países.

Embora tenha alçado sucessos inimagináveis para uma mulher, negra e favelada, triplamente silenciada, ela não teve a recepção esperada por quem era responsável pela crítica literária no país e pouco se falava sobre a sua história, como afirmam Meihy e Levine (1994):

Seu panorama vivencial, contudo, nunca foi revelado. Sua vida sempre mostrada em fragmentos não se constituiu em enredo biográfico capaz de colocá-la em entendimento. Hoje, muitos, tantos brasileiros quanto leitores de outros países pouco ou nada sabem sobre a negra favelada que nos anos 60 se tornou um dos símbolos do país inserido na luta contra a pobreza e a marginalidade em favor do progresso. (p. 18)

Carolina, portanto, caiu no esquecimento durante anos, até porque os livros publicados posteriormente não alcançaram o mesmo êxito que sua primeira obra. Assim, viveu seus últimos anos em situação de pobreza, já tão conhecida dela durante toda a existência. Morreu aos 62 anos, em 13 de fevereiro de 1977 por complicações de uma bronquite asmática.

2.4 Carolina e a resistência refletida na escrita

O livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, como se sabe, foi publicado em 1960 e narra, por meio de seu próprio diário, a história da resiliente Carolina Maria de Jesus, uma mãe solo de três crianças que vive na favela do Canindé, sem água encanada, praticamente sem ter o que comer diariamente, dependente de seu trabalho informal de catadora de lixo, mas sempre com o sonho de ser conhecida pela escrita.

Embora só tenha estudado dois anos, ela escreve tudo o que passa no *quarto de despejo* e nas ruas de São Paulo e um dia encontra um jornalista que pretendia escrever uma matéria sobre a favela e mostra a ele seus cadernos, eram muitos e suscitaram o interesse na publicação, então Audálio Dantas, o jornalista, os levou, mas a situação não mudou imediatamente. Ela permaneceu ainda muito tempo naquilo que chamava de *quarto de despejo*.

Quem lê os textos de Carolina Maria de Jesus imediatamente identifica o caráter crítico presente ali. A autora não tem receio de expor as agruras pelas quais passou durante toda a vida, tanto em Sacramento, a exemplo do que expõe no *Diário de Bitita* (1986), quanto após a mudança para São Paulo, como é visto durante a leitura de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014). Para comprovar, vê-se os trechos a seguir das obras supracitadas:

O meu irmão brigava comigo, quem apanhava era eu. E me queixava para a minha mãe:

— A senhora protege o Jerónimo porque ele é filho legítimo. E eu, sou bastarda. Eu não sabia o que era bastarda. [...] (JESUS, 1986, p. 83)

7 DE AGOSTO Deixei o leito as 4 horas. Eu não dormi porque deitei com fome. E quem deita com fome não dorme. [...] Quando o João chegou da escola dei-lhe almoço. Depois fomos na cidade. Fomos a pé porque não tinha dinheiro para pagar a condução. Levei uma sacola e ia catando os ferros que encontrava nas ruas. Passamos pela rua da Cantareira. A Vera olhava os queijos e engulia as salivas. (JESUS, 2014, p. 107)

A partir da leitura dos excertos, é possível comprovar as dificuldades citadas anteriormente, no entanto, em diversas outras passagens, nota-se o quanto a escritora mineira radicada em São Paulo é uma lutadora da vida real que está em constante conflito com os percalços pelos quais passa e resiste até mesmo onde não aguenta mais:

[...] É quatro horas. Eu já fiz almoço – hoje foi almoço. Tinha arroz, feijão e repolho e linguiça. Quando eu faço quatro pratos penso que sou alguém. Quando vejo meus filhos comendo arroz e feijão, o alimento que não está ao alcance do favelado, fico

sorrindo atoa. Como se eu estivesse assistindo um espetáculo deslumbrante. [...] (JESUS, 2014, p. 49)

A resistência tão presente na obra de Carolina tem origem no passado escravocrata brasileiro, pois, como já é sabido de todos, a escritora nasceu em Minas Gerais no início do século XX, região famosa pelas riquezas minerais, com destaque para o ouro. Esse contexto implica na escravização de muitos negros à época, não à toa o Brasil se manteve no regime escravocrata por 388 anos⁵ até a assinatura da Lei Áurea a 13 de maio de 1888. Sendo assim, a autora de *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, de 1960, é descendente de escravizados que viviam no estado mineiro, um dos mais escravistas do território brasileiro por conta do contexto supracitado. Essa informação é trazida por Tom Farias em *Carolina: uma biografia* (2018) em que o biografista da escritora faz uma minuciosa descrição sobre as origens dela e de seus parentes mais velhos, a exemplo de sua mãe e seu avô.

Sobre esse período no contexto citado, Farias (2018) afirma:

Nas Minas Gerais do final do século 19, algumas cidadezinhas pareciam ainda viver sob jugo do período cruel da escravidão. Era natural, mesmo após a Abolição, ou seja, depois do dia 13 de maio de 1888, em lugares como Sacramento, interior do chamado Triângulo Mineiro, por exemplo, encontrar o homem ou a mulher, ambos negros, nos serviços mais ordinários, pesados, sempre braçais, e em geral vestidos de forma rota, maltrapilha, escaveirado na aparência. Era natural, igualmente, ver negros e negras sem frequentar escolas, analfabetos de pai e de mãe, sem casas que não fosse a de chão batido, de telhado coberto de palhas ou de capim, com paredes de estuques, ou barro socado. (p. 11)

Nota-se, a partir da citação anterior, que o explicitado sobre o período histórico em análise, final do século XIX, coincide com o contexto de existência do avô de Carolina e da mãe dela também, o que remete a essa genealogia escravizada da escritora. Não à toa, Carolina gostava de aprender sobre o período da escravidão no Brasil:

O vovô nos olhava com carinho. “Deus os protegeu auxiliando-os a não nascer na época da escravidão.” Os negros libertos não podiam ficar no mesmo local. Deveriam sair de suas cidades. Uns iam para o Estado do Rio, outros para o Estado de Minas, de Goiás, para ficar livres dos xingatórios dos ex-sinhôs, e repetiam as palavras de Castro Alves: “O negro é livre quando morre.” Eu estava com cinco anos, achava esquisito aquelas cenas antagônicas, a minha mentalidade embrionária não me auxiliava a compenetrar aquelas divergências. Se o negro passava cabisbaixo, o branco xingava! [...] (JESUS, 1986, p. 59 e 60)

⁵ Informações retiradas de <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/05/13/ha-131-anos-senadores-aprovavam-o-fim-da-escravidao-no-brasil#:~:text=Por%20388%20anos%20o%20Brasil,for%C3%A7a%20motriz%20dessas%20atividades%20econ%C3%B4micas>.

Esse trecho do *Diário de Bitita* (1986) demonstra que o avô cultivou na neta, nos momentos de conversa, tal interesse pela história do Brasil, a qual nesses momentos se confunde com a sua própria narrativa e origem, da qual a escritora não vai se esquecer nunca, principalmente por conta dos diversos tipos de preconceito que ela enfrentou ao longo da vida e que reitera o tempo todo em suas obras:

13 de maio Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos.

...Nas prisões os negros eram os bodes espiatórios. [...]

Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair.

[...] Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Ela não tinha. Mandei-lhe um bilhete assim:

– “Dona Ida peço-te se pode me arranjar um pouco de gordura, para eu fazer uma sopa para os meninos. Hoje choveu e eu não pude ir catar papel. Agradeço. Carolina.”

...Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome! (JESUS, 2014, p. 30 a 32)

Dessarte, percebe-se que Carolina tem consciência de que o período escravocrata no Brasil finalizou em 1888 apenas em parte, já que os negros continuam a sofrer toda sorte de execração e finaliza com uma de suas temáticas mais recorrentes: a fome, cuja representação para ela é a mesma que o aprisionamento para os escravizados em séculos passados.

Além disso, para Alves (2016), Carolina, bem como outras escritoras negras, vê na escrita uma possibilidade de se fazer ouvir, porque, como se sabe, as mulheres já são naturalmente silenciadas pela história, a qual é predominantemente contada a partir de feitos dos homens. Quando se pensa em mulheres negras, isso se acentua bastante, já que estas estão à margem dessa ideologia dominante, em que o homem heterossexual branco é o centro da narração histórica. Isso ocorre, para Toledo (2016), porque

A literatura, assim como a história, produz um apagamento das mulheres, uma vez que a representação literária da mulher negra ainda é ancorada nas imagens de seu passado escravo e são retratadas como as antimusas da sociedade brasileira. Não se adequando ao modelo estético, ocultam os sentidos de uma matriz africana na sociedade brasileira. (p.157)

Esse conceito de *antimusa* é interessante para pesquisas cujo sujeito da narrativa sejam mulheres negras, tendo em vista que uma musa é aquela que inspira os textos literários

escritos por homens, em sua maioria brancos, já a antimusa é enxergada como aquela que não tem atributos dentro do padrão instituído pela sociedade, ao contrário, são enxergadas e descritas de modo negativo, tornando-a menor diante daquele que acompanha tal leitura ou, por vezes, associando-as à feitiçaria, por exemplo. Carolina, a musa desta pesquisa, passou por uma situação semelhante quando ainda morava em Sacramento e lia um dicionário em frente à casa em que morava. Acusaram-na de ler o livro de São Cipriano, o qual foi considerado um poderoso feiticeiro e essa publicação, cujo conteúdo é ligado ao ocultismo, é associado a ele. No entanto, a escritora, à época apenas uma jovem leitora, não estava de posse do escrito citado, mas, ainda assim, foi presa, porque supostamente havia proferido xingamentos ao delegado, o que rendeu mais um longo episódio de sofrimento, não só para ela, mas também para a mãe Cota que foi presa juntamente com a filha (JESUS, 1986).

O fato de Carolina contar essas histórias já reflete nesse lugar de busca pela identidade e de resistência que ela se coloca – ou é empurrada – por conta das adversidades pelas quais a mulher, mãe solo de três filhos, passou. Assim, para Silva (2016), pode-se dizer que Carolina se encontra em situação de silenciamento literário de forma tripla, dados o gênero feminino, a pobreza e a pele negra.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica desta pesquisa está segmentada em quatro seções, no intuito de contemplar as bases normativa, que rege a educação brasileira, pedagógica, com fulcro no letramento literário, e teórica, em que se apresenta as Semióticas Discursiva e Tensiva, como conceitos a serem discutidos no texto de base memorialística.

3.1 Contextualização normativa

Ainda nos anos 1930, com a criação do Ministério da Educação, mudanças no que diz respeito à educação brasileira começaram a ser implementadas, mas ainda de maneira lenta, visto que apenas nos anos 1960 é possível notar as transformações mais marcadamente com a implementação da Lei de Diretrizes e Bases, cuja versão atual será mais aprofundada posteriormente.

Dá em diante, muitos textos legais voltados para o âmbito educacional passaram a ser instituídos. Nesta pesquisa interessa o conjunto normativo abrigado pela Carta Magna brasileira de 1988, em que a educação é colocada como direito inalienável do cidadão, sobretudo com a redação da lei complementar especificamente dedicada à educação, a Lei n.º 9.394 de 1996, das Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Como desdobramento disso, houve, desde o final dos anos 1990, a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), um outro avanço para a educação brasileira, e – mais recentemente – uma atualização destes com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

3.1.1 A Constituição Federal de 1988 e o direito a estudar

É sabido que o direito à educação de qualidade é garantido no Brasil pela Constituição Federal de 1988 em seu artigo 6º, atualizado pela (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 90, de 2015) no qual se afirma que “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.”.

Percebe-se que os direitos da população são os mais diversos, todavia há um caminho imenso a ser percorrido para que se chegue ao ideal de sociedade. Ainda sobre isso, mais especificamente, sobre direitos educacionais, o artigo 205 da CF/88 afirma que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a

colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”.

Portanto, urge que a escola, parte relevante da sociedade, continue na busca diária pela prática da educação que inova e ajuda o estudante a construir a sua cidadania e compreender a importância do conhecimento nessa construção. Esse processo acontecerá, ainda, mediante o que apregoa o artigo 208 da Carta Magna brasileira (1988), no qual se afirma que:

O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

[...]

V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

[...]

§ 1º O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

§ 2º O não-oferecimento do ensino obrigatório pelo poder público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade da autoridade competente.

Mediante isso, é possível notar que a educação faz parte do grupo de direitos das pessoas os quais têm relação com a dignidade humana, além de ter ligação com a edificação de uma sociedade igualitária e justa, na qual haja a diminuição da marginalização populacional e da pobreza.

Está claro, ainda, que o governo tem obrigação de possibilitar ao povo o acesso a este direito, e o não cumprimento dele gera possíveis punições às autoridades que o negligenciam, como afirmado acima pelo parágrafo 2º do artigo 208 (BRASIL, 1988). Além disso, é mister destacar a relevância de uma educação pública de qualidade, visto que “Na realidade, a educação busca novo paradigma, que estabelece o problema da qualidade, uma pedagogia da qualidade. Mas esta não pode ser tratada nos parâmetros da qualidade economicista. A escola não é empresa. O aluno não é cliente da escola, mas parte dela” (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2012, p.133).

Logo, não basta que as autoridades ofereçam a educação, é preciso que esta seja acessível a todos e de forma gratuita, para que a criança e o adolescente de classe econômica mais baixa consigam superar as dificuldades e alcançar patamares educacionais cada vez mais altos, isto é, consigam ir além do que foram seus antepassados, possibilitando às próximas gerações o direito de acreditar que, de fato, estudar proporciona frutos promissores às pessoas.

Sendo assim, para Libâneo, Oliveira e Toschi (2012, p. 133),

A educação deve ser entendida como fator de realização da cidadania, com padrões de qualidade da oferta e do produto, na luta contra a superação das desigualdades sociais e da exclusão social. [...]

No contexto da sociedade contemporânea, a educação pública tem tríplice responsabilidade: ser agente de mudanças, capaz de gerar conhecimentos e desenvolver a ciência e a tecnologia; trabalhar a tradição e os valores nacionais ante

a pressão mundial de descaracterização da soberania das nações periféricas; preparar cidadãos capazes de entender o mundo, seu país, sua realidade e de transformá-los positivamente.

Portanto, a escola tem um papel que vai além do educacional, é político e social também, já que possibilita àqueles que a acessam uma maior criticidade sobre as situações por eles vivenciadas, além de expandir a visão de mundo dessas pessoas, de forma que elas compreendam que são capazes de modificar a realidade difícil à qual muitos estão expostos e proporcionar a tão esperada ascensão social.

Esta pesquisa, pois, tem como uma de suas bases a Constituição Federal, de maneira que o que se pretende com ela é demonstrar a relevância do ensino, mais especificamente de literatura, como forma de transformar a sociedade e apresentar os caminhos para a mudança de paradigmas sociais há tanto erroneamente estabelecidos aqui no Brasil.

3.1.2 A Lei de Diretrizes e Bases da Educação e a reafirmação do direito à educação

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) teve três versões: a primeira foi 4.064/61, a segunda a 5.692/71e a atual, como já referido, a 9.394/96. Das três, a de 1961 e a de 1996 foram aplicadas em regime democrático; já a de 1971 expressa os conceitos do regime militar, muitos dos quais em reação à tentativa democratizante que marcou os anos de 1960.

Esta pesquisa será norteada pela LDB de 1996, a qual foi um marco para o ensino, tendo em vista que busca proporcionar aos brasileiros uma educação de qualidade, como se vê no trecho a seguir: “Art. 2.º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996).

Nota-se, portanto, que houve um avanço nas leis relativas à educação a partir de 1988, pois, além de uma busca pela educação de qualidade, será vista também a pretensão de uma valorização maior do estudante e do profissional da educação, como se afirma em seu artigo 3.º (Incluído pela Lei n.º 14.191, de 2021):

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;

IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;

V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

- VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- VII - valorização do profissional da educação escolar;
- VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
- IX - garantia de padrão de qualidade;
- X - valorização da experiência extraescolar;
- XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.
- XII - consideração com a diversidade étnico-racial. (Incluído pela Lei n.º 12.796, de 2013)
- XIII - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida. (Incluído pela Lei n.º 13.632, de 2018)
- XIV - respeito à diversidade humana, linguística, cultural e identitária das pessoas surdas, surdo-cegas e com deficiência auditiva. (Incluído pela Lei n.º 14.191, de 2021) (BRASIL, 1996)

Vê-se, a partir disso, que a legislação brasileira é rica em leis que envolvem o assunto “educação”, todavia, faltam ações governamentais para efetivação dessas leis de forma eficiente e igualitária para que a população seja, de fato, beneficiada pelo ensino e veja sentido no ato de “estudar”.

3.1.3 A BNCC e a Semiótica

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi homologada em 2017, com o intuito de ser o documento norteador para o conteúdo utilizado nas escolas de todo o país, desde o ensino infantil até o final do ensino médio.

Nesta pesquisa, o foco é o ensino fundamental anos finais, logo, o que for escrito a respeito da Base será relacionado ao 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos. Nela, afirma-se que os conteúdos destas séries são um aprofundamento dos anos iniciais, portanto,

Tendo em vista essa maior especialização, é importante, nos vários componentes curriculares, retomar e ressignificar as aprendizagens do Ensino Fundamental – Anos Iniciais no contexto das diferentes áreas, visando ao aprofundamento e à ampliação de repertórios dos estudantes. (BRASIL, 2017, p. 60)

Assim, há a necessidade de que os conteúdos sejam trabalhados de forma a acrescentar e aprimorar o que os estudantes aprenderam até ali, no intuito de que estes não sofram perdas de conhecimentos anteriores, mas, sim, tenham acréscimos aos já vistos, portanto, “Nesse sentido, também é importante fortalecer a autonomia desses adolescentes, oferecendo-lhes condições e ferramentas para acessar e interagir criticamente com diferentes conhecimentos e fontes de informação” (BRASIL, 2017, p. 60).

A respeito do ensino de língua portuguesa, é afirmado na BNCC:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais

permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BRASIL, 201, pp. 67 e 68)

Tal afirmação vai ao encontro do que se pretende nesta pesquisa, que é o trabalho com letramento literário com base na semiótica, os quais serão mais aprofundados em tópicos posteriores, de maneira que a literatura seja um campo fértil para essa participação feita criticamente pelos alunos.

No que concerne à Semiótica na BNCC, um dos pressupostos que estão relacionados com esta pesquisa encontra-se no trecho a seguir:

[...] as práticas de leitura/escuta e de produção de textos orais, escritos e multissemióticos oportunizam situações de reflexão sobre a língua e as linguagens de uma forma geral, em que essas descrições, conceitos e regras operam e nas quais serão concomitantemente construídos: comparação entre definições que permitam observar diferenças de recortes e ênfases na formulação de conceitos e regras; comparação de diferentes formas de dizer “a mesma coisa” e análise dos efeitos de sentido que essas formas podem trazer/ suscitar; exploração dos modos de significar dos diferentes sistemas semióticos etc. (BRASIL, 2017, p. 81)

Mediante essa afirmação, o que se pretende nesta pesquisa é utilizar a Semiótica no aprofundamento, por exemplo, desses diversos modos de contar uma mesma situação, além de explorar os significados diversos dentro da obra de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Tudo isso feito por meio das seguintes competências específicas de língua portuguesa no ensino fundamental:

3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

[...]

7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

8. Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BRASIL, 2017, p. 87)

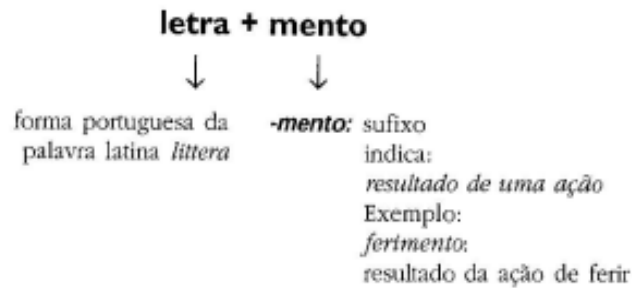
Por fim, acredita-se que os preceitos estabelecidos pela BNCC para o ensino de língua portuguesa, mais especificamente no que tange à literatura, tais como as competências supracitadas, são cruciais para que esta pesquisa alcance o objetivo de apresentar a literatura nas suas diversas manifestações em sala de aula do 9.º ano do ensino fundamental de forma

eficiente. Ainda assim, é válido destacar que a literatura enquanto disciplina vem sofrendo um apagamento nos documentos oficiais que regem a educação, mais especificamente na BNCC.

3.2 Noções de Letramento literário

Para começar a falar sobre letramento literário, é necessário compreender o conceito de *letramento* antes:

Figura 1 – Conceito de letramento



Fonte: SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

Portanto, de acordo com essa adição lexical sugerida por Soares (2009), pode-se inferir que *letramento*⁶ tem a ver com a ação de letrar, “fazer adquirir letras ou adquirir letras, conhecimentos literários”. Entretanto, não se limita a isso, como se vê a seguir:

[...] o letramento é um estado, uma condição: o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, com diferentes gêneros e tipos de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham na nossa vida. Enfim: letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2009, p. 44)

Partindo dessa conceituação, significa dizer que um indivíduo é letrado quando consegue fazer uso de sua língua nos mais diversos contextos de forma eficiente, ou seja, compreendendo e se fazendo compreender. Letramento pode ter relação com independência no âmbito da leitura, em que o leitor se desprende das amarras da decodificação de letras e alcança uma leitura produtiva, reflexiva.

Feita a conceituação de letramento, é necessário o aprofundamento do termo dentro do âmbito literário. Assim, segundo Rildo Cosson, no *Glossário Ceale*⁷,

Letramento literário é o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem. Para entendermos melhor essa definição sintética, é preciso que tenhamos bem

⁶ Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt-en/>

⁷ Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>

claros os seus termos. Primeiro, o processo, que é a ideia de ato contínuo, de algo que está em movimento, que não se fecha. Com isso, precisamos entender que o letramento literário começa com as cantigas de ninar e continua por toda nossa vida a cada romance lido, a cada novela ou filme assistido. Depois, que é um processo de apropriação, ou seja, refere-se ao ato de tomar algo para si, de fazer alguma coisa se tornar própria, de fazê-la pertencer à pessoa, de internalizar ao ponto daquela coisa ser sua. É isso que sentimos quando lemos um poema e ele nos dá palavras para dizer o que não conseguíamos expressar antes.

Sendo assim, percebe-se que o letramento literário é um processo que se dá durante toda a vida das pessoas, já que se inicia na infância e segue ao longo de toda a existência delas. Aqui vale destacar que não necessariamente é um processo que ocorrerá apenas quando se tem acesso à literatura canônica, isto é, pertencente a um grupo fechado, considerado de prestígio. Dessarte, deve-se compreender que “não é que alunos e alunas, professores e professoras não leiam ou repudiem produtos da escrita. É que eles carregam consigo um acervo contabilizado como marginal, folclórico, baixo ou inferior, vale dizer, não alinhado ao saber dito elevado.” (ZILBERMAN, 2021, p.10)

As situações supracitadas estão relacionadas ao que apregoa a BNCC no seguinte trecho: “[...] é importante contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente.” (BRASIL, 2017, p. 70). Logo, percebe-se que a educação atualmente busca inserir nos conteúdos aquilo que faz parte do contexto social do estudante, o que proporciona, muitas vezes, o reconhecimento de si mesmo e a representatividade.

Nessa perspectiva, é perceptível que a literatura deve ser encarada como um elemento social, já que, para Todorov (2012), ela busca a representação da existência humana e isso implica a inclusão de autor e leitor, com isso, se chega à ideia da literatura como algo que “humaniza” (CANDIDO, 1995).

Ademais, por ser a literatura ligada ao social, o letramento literário, conseqüentemente também é uma prática própria da sociedade, já que “O ato de ler, mesmo realizado individualmente, torna-se uma atividade social. [...] Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas.” (COSSON, 2021, p. 40).

Para que o ensino de literatura se dê mediante os parâmetros do letramento literário, Cosson (2021) aponta uma *sequência básica* de aula dividida em quatro momentos, quais sejam: motivação, introdução, leitura e interpretação, isso feito no intuito de sistematizar o trabalho do professor.

Na *motivação*, que é o primeiro momento da sequência, tem-se a preparação para a entrada do leitor no texto e, para Cosson (2021), a fim de que se obtenha êxito, esse ponto

necessita ser bom, a fim de que alcance atenção por parte do estudante que se encontra nesse processo. Assim, por ser um período anterior à leitura propriamente dita, “cumpre observar que as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir.” (COSSON, 2021, p. 55).

Em continuidade, apresenta-se a *introdução*, em que se deve enunciar elementos centrais a respeito do autor e da obra de maneira que não estenda em demasia. Para Cosson (2021) é interessante que

a apresentação do autor não se transforme em longa e expositiva aula sobre a vida do escritor, com detalhes biográficos que interessam a pesquisadores, mas não são importantes para quem vai ler um de seus textos.
[...] Outro cuidado que se deve ter é na apresentação da obra. [...] quando se está em um processo pedagógico o melhor é assegurar a direção para quem caminha com você. Por isso, cabe ao professor falar da obra e da sua importância naquele momento, justificando assim sua escolha. (p. 60)

Portanto, na introdução o professor precisa ter segurança do que se propõe a realizar, para que não se perca tanto na exposição da obra quanto na do autor, além de saber elencar os motivos pelos quais aquele texto foi escolhido em detrimento de outros que poderiam ser também apresentados.

Na parte da sequência básica denominada *leitura*, espera-se que seja feito o acompanhamento dela, a fim de que se demonstre que esse processo de ler tem objetivos a serem alcançados que não devem ser esquecidos ao longo do trabalho. Dessa maneira, “O professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo de leitura.” (COSSON, 2021, p. 62). Esse acompanhamento pode se dar por meio dos *intervalos*, pausas e retomadas da obra de maneira que os alunos percebam que o docente não se perdeu nos objetivos daquela leitura e/ou de atividades relacionadas a ela.

Por fim, tem-se a *interpretação*. É nela que os sentidos do texto se constroem, com a contribuição mútua de autor, leitor e contexto. Nessa parte da sequência básica, há dois momentos apontados por Cosson (2021), quais sejam: interior e exterior. O primeiro “é aquele que acompanha a decifração, palavra por palavra, página por página, capítulo por capítulo, e tem seu ápice na apresentação global da obra que realizamos logo após terminar a leitura.” (p. 65); o último “é a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade.” (idem). É aqui que se encontra a capacidade de compartilhar e ampliar os sentidos do texto lido.

Apesar disso, pode acontecer de haver a sensação de que falta algo nessas aulas, por isso, o estudioso acrescenta outros elementos e o que era *sequência básica* se torna

sequência expandida, já que, além dos quatro elementos já citados, adiciona-se mais uma interpretação, passando a ser primeira e segunda interpretação, além da contextualização e da expansão.

Dessa forma, um dos tópicos que se acrescenta ao conteúdo da sequência expandida é a *contextualização*, a qual se subdivide em sete tipos, quais sejam teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora e temática. Vale destacar que a contextualização é compreendida como “movimento de ler a obra dentro do seu contexto, ou melhor, que o contexto da obra é aquilo que ela traz consigo, que a torna inteligível para mim enquanto leitor.” (COSSON, 2021, p. 86). Isto posto, é mister esclarecer o que cada tipo de contextualização representa para a sequência expandida. A teórica busca demonstrar quais ideias são cruciais para o sustento de uma determinada obra literária, inclusive exemplifica com *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, o qual foca no determinismo biológico a partir dos comportamentos das personagens. A histórica se aproxima do que já se faz nas aulas de literatura, ao apresentar o período da publicação da obra em estudo, relacionando-a aos preceitos da sociedade vigente. A estilística, por sua vez, se concentra nos períodos literários ou estilos de época, focando na relação existente entre obra e período. A poética tem relação com a parte estrutural e composicional da obra a ser estudada, com fulcro na questão organizacional dela. Já a crítica pretende revisar criticamente aquilo que foi publicado a respeito da obra, inclusive das mais contemporâneas, demonstrando, assim, as diversas possibilidades de abordagem do texto em análise. A presentificadora, também chamada de presentificação, como o próprio nome sugere, tem relação com a correspondência que a obra tem com o presente em que a leitura se dá. Por fim, a temática se relaciona às proposições presentes na obra, explicitando o tema ou os temas ali presentes, no entanto, isso não pode sobressair a discussão sobre a obra.

Ademais, acrescenta-se também uma *segunda interpretação*, esta, diferentemente da primeira que se relaciona à apreensão global do objeto de estudo, busca aprofundar-se em um determinado aspecto do texto, a exemplo de uma personagem ou um tema; além da *expansão*, cujo foco está no diálogo possível da obra em estudo com outros textos, os quais podem ser anteriores, da mesma época ou posteriores à publicação dela.

Com isso, espera-se que o professor de literatura alcance um ensino efetivo desta, todavia, sempre compreendendo até que ponto consegue avançar com seus alunos, para que o método sugerido não retroceda. A esse respeito, Cosson (2021) afirma que

É importante que o professor também tenha em mente que seu propósito é promover o letramento literário, mostrando ao seu aluno um caminho de leitura que poderá ser

transposto para tantos outros textos que ele venha a ler mais tarde ou julgar necessário. Mais importante que a simples oposição entre quantidade e qualidade é a competência de leitura que o aluno desenvolve dentro do campo literário, levando-o a aprimorar a capacidade de interpretar e a sensibilidade de ler em um texto tecedura da cultura. É essa competência que se objetiva no letramento literário. (p. p. 103 e 104)

Nesta pesquisa, busca-se fazer a leitura de *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, sob a perspectiva do letramento literário. Para isso, a sequência básica de Cosson (2021) é basilar para essa prática, a qual será mais detalhada na metodologia deste trabalho.

3.3 Semiótica discursiva: panorama geral

A Semiótica fundada por Greimas, com a obra *Semântica Estrutural*, de 1966, tem ascendente em Saussure, ou, mais apropriadamente, da retomada que Hjelmslev fez da herança linguística saussuriana, buscando explorar o plano do conteúdo da manifestação textual.

Mas não existe uma única Semiótica. Segundo Saraiva e Leite (2017, p.13):

1. A Semiótica peirciana, cujo objeto de estudo é o signo, originada no seio da Fenomenologia (patrono: o americano Charles Sanders Peirce, 1839-1914);
2. A Semiótica Discursiva, cuja preocupação é investigar a geração do sentido, nascida no âmbito da Linguística (patrono: o suíço Ferdinand de Saussure, 1857-1913);
3. A Semiótica da Cultura, que busca estudar o dinamismo cultural, tributária do Formalismo Russo, (patrono: o russo Iúri Lótman, 1922-1993).

Nesta pesquisa, como já esclarecido, a Semiótica Discursiva será a teoria norteadora para que sejam realizados os estudos relativos à obra *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, tendo em vista que se pretende estudar a construção dos sentidos do texto citado ou, conforme Barros (2005), “A semiótica tem por objeto, ou melhor, procura descrever e explicar *o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz*” – grifos da autora (p. 11), isso, dentro da obra de Carolina, significa verificar como os sentidos construídos por ela podem ser visualizados a partir da teoria greimasiana, daí é possível, por exemplo, se utilizar das reiterações semânticas numa abordagem temático-figurativa, essencial para entender como a fome e a precarização são preponderantes nas páginas do diário.

A Semiótica Discursiva, também conhecida como greimasiana, foi criada por Algirdas Julien Greimas, ainda na década de 1960, com a publicação em 1966 da obra *Semântica Estrutural – pesquisa de método*. Nessa teoria é possível perceber que o texto é

compreendido como unidade de análise (FIORIN, 2016), tendo como base o *percurso gerativo do sentido*, modelo de abstração composto de três níveis de sentido:

- c) a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima;
- d) no segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito;
- e) o terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação. (BARROS, 2005, p. 13)

No nível *fundamental*, o mais profundo do percurso, são categorizadas oposições semânticas de termos contrários, tais como *natureza x cultura*, *amor x ódio*, *vida x morte*; é neste momento que entram os elementos de *disforia*, considerados negativos dentro do texto, e de *euforia*, positivos. No segundo nível, o narrativo, apresentar-se-á a relação transitiva entre *sujeito e objeto e valor*, tendo em vista que o *sujeito* pode estar em conjunção (junto) ou disjunção (separado) do *objeto*, proposto no contrato narrativo. No último nível, está o discursivo que, para Barros (2005), é o que mais se aproxima da manifestação textual, pois é quando o sujeito da enunciação (enunciador e enunciatário) assume o contrato discursivo (fazer persuasivo > enunciado > fazer interpretativo), tornando-o mais concreto.

Para Fiorin (2016, p. 44), “Esse modelo mostra aquilo que sabemos de forma intuitiva: que o sentido do texto não é redutível à soma dos sentidos das palavras que o compõem nem dos enunciados em que os vocábulos se encadeiam, mas que decorre de uma articulação dos elementos que o formam [...]”. Assim, é possível perceber que a teoria aqui utilizada busca compreender os sentidos do texto de forma completa e não mais como partes isoladas dentro desse todo, pois os elementos textuais só funcionam satisfatoriamente em constante relação.

3.4 Semiótica Tensiva e os conceitos de *memória do acontecido* e *memória-acontecimento*

Conforme Tatit (2019), a Semiótica Tensiva, em contraponto à Semiótica Discursiva, dispensa uma atenção especial à *surpresa*, a qual se relaciona ao conceito de *acontecimento*; enquanto a teoria greimasiana se organiza em etapas narrativas, o que a relaciona à ideia de *espera*. Isso significa que Claude Zilberberg firma a sua teoria no imprevisível, mesmo que esta seja um desdobramento do que já vinha estudando Greimas desde a década de 1960.

Assim, antes da Semiótica Tensiva, a *existência* e/ou *presença* estava mais atrelada ao campo do saber, isto é, numa competência cognitiva, em que se pressupõe uma comunicação. Posteriormente, os estudos se alargam para o campo do sentir, por ter surgido

uma demanda afetiva, em que se apresentam conceitos de *intensidade* (mais relacionado à sensibilidade) e *extensidade* (mais relacionado ao saber), por exemplo.

Neste trabalho, a Semiótica Tensiva é introduzida a partir de dois conceitos formulados pela semioticista brasileira Mariana Luz Pessoa de Barros, em sua tese, datada de 2011, são eles *memória do acontecido* e *memória-acontecimento*. As duas ideias apontadas pela estudiosa partem do já citado *acontecimento* (ZILBERBERG, 2011), este aqui entendido como “aquilo que surpreende o sujeito, que satura seu *campo de presença*” (BARROS, 2016, p. 361), conceito herdado da fenomenologia, aplicado na Semiótica Tensiva por Zilberberg e Fontanille (2001, p. 125): “o domínio espaço-temporal em que se exerce a percepção, e, por outro, as entradas, as estadas, as saídas e os retornos que, ao mesmo tempo, a ele devem seu valor e lhe dão corpo”.

Para esta pesquisa, inicialmente, interessam a *memória do acontecido* – “estratégias que privilegiam a legibilidade do texto” – e a *memória-acontecimento* – “explora a sua dimensão sensorial e afetiva” (BARROS, 2016, p. 355), isso significa dizer que a primeira surge como algo prévio ao texto, em que se nota um distanciamento, enquanto a última, por sua característica afetiva, se realiza ao longo do texto, em que se percebe um envolvimento do sujeito da enunciação com as memórias expostas. É válido destacar que não necessariamente uma memória anula a outra, há textos em que predomina uma em detrimento da outra, mas há outros em que as duas aparecem a depender da situação exposta pelo enunciador.

3.5 Análise de trechos de *Quarto de despejo*: diário de uma favelada sob pressupostos semióticos

A título de análise inicial da obra em estudo, *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, em relação aos conceitos aqui citados, vê-se a seguir o seguinte trecho:

17 de julho Domingo. Um dia maravilhoso. O céu azul sem nuvem. O Sol está tépido. Deixei o leito às 6,30. Fui buscar água. Fiz café. Tendo só um pedaço de pão e 3 cruzeiros. Dei um pedaço a cada um, puis feijão no fogo que ganhei ontem do Centro Espírita da Rua Vergueiro 103. Fui lavar minhas roupas. Quando retornei do rio o feijão estava cosido.

[...]

Eu, era o alvo das atenções. Fiquei apreensiva, porque eu estava catando papel, andrajosa (...) Depois, não mais quis falar com ninguém, porque precisava catar papel. Precisava de dinheiro. Eu não tinha dinheiro em casa para comprar pão. Trabalhei até as 11,30. Quando cheguei em casa era 24 horas. Esquentei comida, dei para a Vera Eunice, jantei e deitei-me. Quando despertei, os raios solares penetrava pelas frestas do barracão. (JESUS, 2014, p. p. 14 e 15)

Em relação ao *campo de presença*, percebe-se o tempo bem demarcado, além da data, é citado o dia da semana e o período do dia em que Carolina passa a expor as memórias. Além disso, o espaço é outro elemento sempre presente durante a rememoração dela, se inicia na casa, espaço que claramente demonstra a disjunção da autora-personagem com a fartura e a conjunção com a necessidade, com a precariedade.

No que tange à *memória do acontecido* e à *memória-acontecimento* (BARROS, 2011), percebe-se que a descrição predomina ao longo do trecho: “Despertei o João. Ele abluuiu-se e foi comprar pão. Eu lavei as louças e desinfetei o José Carlos. Troquei-lhe, dei-lhe café. Eles foram para a escola. Eu fui buscar água. [...]” (JESUS, 2014, p. 118), o que demonstra a *memória do acontecido* em curso, já que se vê uma metotividade, além da estabilidade da situação, encaixando-se no que Barros (2011, p. 266) chama de “figura do arquivo”, ou seja, uma recordação pronta, à espera de ser utilizada.

Para dar continuidade à análise, mais um dia da vida de Carolina:

26 de novembro ...Eu estou contente com os meus filhos alfabetizados. Compreendem tudo. O José Carlos disse-me que vai ser um homem distinto e que eu vou tratá-lo de Seu José.

Já tem pretensões, quer residir em alvenaria.

... Eu fui retirar os papelões. Ganhei 55 cruzeiros. Quando eu retornava para a favela encontrei com uma senhora que se queixava porque foi despejada pela Prefeitura.

Como é horrível ouvir um pobre lamentando-se. A voz do pobre não tem poesia.

Para reanimá-la eu disse-lhe que havia lido na Bíblia que Deus disse que vai concertar o mundo. Ela ficou alegre e perguntou-me.

– Quando vai ser isto, Dona Carolina? Que bom! E eu que já queria me suicidar!

Disse-lhe para ela ter paciência e esperar que Jesus Cristo vem ao mundo para julgar os bons e os maus.

– Ah! então eu vou esperar.

Ela sorriu.

... Despedi-me da mulher, que já estava mais animada. Parei para concertar o saco que deslisava da minha cabeça. Contemplei a paisagem. Vi as flores roxas. A cor da agrura que está nos corações dos brasileiros famintos. (JESUS, 2014, p. 140 e 141)

Percebe-se que a afetividade predomina ao longo do trecho, a exemplo das expressões: “é horrível.”; “voz do pobre não tem poesia”, o que demonstra a *memória-acontecimento* em curso, já que se vê uma dinamicidade, além da instabilidade da situação, em que Carolina estava contente, falando da alfabetização dos filhos e do dinheiro que ganhara naquele dia, mas entristece com a realidade de uma mulher, que sofre as mesmas agruras que ela; é o que Barros (2011, p. 266) fala sobre “construção que se realiza ao longo do texto”.

A respeito de *isotopia* Greimas (1979, p. 245) afirma que ela “torna possível a leitura uniforme do discurso, tal como resulta das leituras parciais dos enunciados que o constituem, e da resolução de suas ambiguidades [...]”, ou seja, busca esclarecer o que o texto

diz, já que não são as percepções do leitor, mas os elementos que estão presentes no próprio texto, pois “A recorrência de traços semânticos estabelece a leitura que deve ser feita do texto. Essa leitura não provém da fantasia do leitor, mas está inscrita no texto” (FIORIN, 2016, p. 113). Dessa forma, a *isotopia* se relaciona à reiteração semântica por meio dos *temas* (mais abstratos) e das *figuras* (mais concretas), assim, a coerência textual vai se construindo ao longo da leitura.

No trecho a seguir, será identificada a *isotopia* representada pela palavra *fome* e, posteriormente, os *temas* e as *figuras* que convergem com ela:

24 de julho Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estômago. E por infelicidade eu amanheci com *fome*. [...]

Depois de conseguir algumas coisas para os meninos comer. Reanimei-me. Acalmei o espírito. Fui no senhor Manoel vender as garrafas. Ganhei 22 cruzeiros. Comprei 10 de pão e um cafezinho. [...] (JESUS, 2014, p. 100 – grifos da pesquisadora)

As expressões destacadas no trecho se referem a *uso* (figuras) e *troca* (temas). As expressões figurativas que fazem referência ao uso podem ser: “pão”, “cafezinho”, algo que traga o mínimo de satisfação física a uma necessidade fisiológica: comer; já as temáticas fazem referência à troca, como “vender as garrafas”, “22 cruzeiros”, assim, esta se relaciona ao quantitativo nesse caso.

4 METODOLOGIA

A metodologia tem duas bases: 1) a teoria semiótica no trato discursivo, particularmente no que se refere ao tratamento do *corpus* (por extração, segundo Greimas [1966]), a utilização do *percurso gerativo do sentido* (sobretudo nos componentes semântico e sintático do nível discursivo) e aplicação do conceito de espaço tensivo nos efeitos de sentido da discursivização da memória; 2) o letramento literário no trato didático-pedagógico.

Além disso, há a divisão a seguir, em que se apresenta o percurso pelo qual esta pesquisa passou até a sua conclusão: contexto da pesquisa, no qual foi apresentada a abordagem deste trabalho e quais teorias foram abarcadas durante o processo de realização dele; público-alvo, em que foi estabelecida a série do ensino fundamental – anos finais – em que está pautado este trabalho; e procedimentos, nos quais estão presentes os direcionamentos a respeito da utilização do caderno didático, o qual foi produzido como apêndice desta pesquisa.

4.1 Contexto da pesquisa

Esta é uma pesquisa aplicada porque busca, por meio de discussões teóricas, contribuir com a solução de problemas práticos e, no caso desta pesquisa, de uma leitura produtiva da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, além de se pautar em lacunas nos conhecimentos relativos ao ensino de literatura na educação básica, mais precisamente no ensino fundamental – anos finais, e nas aplicações da Semiótica Discursiva, no que tange à *memória-acontecimento* e à *memória do acontecido* (BARROS, 2016) e a *temas e figuras* que mostrem a marginalização como elemento central na obra aqui estudada.

É válido destacar que *memória-acontecimento* e *memória do acontecido* estão atualmente atreladas aos estudos da Semiótica Tensiva. Tal proposta de Semiótica está no estado da arte, no entanto, não dispensa elementos originais dos estudos greimasianos, a exemplo do percurso gerativo do sentido e do quadrado semiótico.

Além disso, este trabalho encontra-se pautado em hipóteses a respeito de como o ensino da literatura deveria ser realizado, em contraposição ao que é, por vezes, feito atualmente, tendo em vista que o que se busca é a utilização efetiva do letramento literário, a partir da sequência básica de Cosson (2021), em sala de aula, neste caso, do 9.º ano do ensino fundamental, como forma de se alçar a competência interpretativa dos alunos.

Por fim, mediante proposta de trabalho final, como apêndice, do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, é apresentado um caderno didático, no

qual há sugestões de atividades relativas à leitura do texto literário com apoio numa teoria semiótica voltada para o plano do conteúdo do texto, desdobrando-se em exercícios com enfoque em questões raciais e no papel ocupado pela mulher na sociedade.

4.2 Público-alvo

A presente pesquisa visa ao aprimoramento das aulas de literatura no 9.º ano do ensino fundamental, mas com possíveis adaptações a outras séries, sob o aporte do letramento literário. Além disso, o ensino está atualmente pautado nos direcionamentos da Base Nacional Comum Curricular – BNCC – (BRASIL, 2018), portanto, há a necessidade de se formar “leitores-fruidores”.

Ademais, a Semiótica Discursiva também se faz presente nesta pesquisa, por meio da adaptação didático-pedagógica, a fim de se explorar os textos no que tange aos efeitos de sentido da memória: a *memória-acontecimento* e a *memória do acontecido*.

A partir disso, o trabalho apresenta propostas de atividades, cujo público-alvo são estudantes do ensino fundamental – anos finais. Estas têm como base o gênero memorialístico, o qual, por ser de fácil compreensão e apelo empático, convida ao contrato discursivo da leitura.

Neste momento, faz-se necessário levar em consideração que o sujeito do aprendizado, os jovens estudantes do ensino fundamental – anos finais, é um actante em busca de chegar a um objeto de valor, neste caso, o conhecimento, o qual tem por adjuvante o professor, ou seja, o provedor do saber, com seu apoio nesse processo constante de construção do aprendizado.

4.3 Material

Esta pesquisa tem como *corpus* o texto literário que serve como foco para este trabalho, *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, já que há nele os elementos essenciais para a realização de estudos sob a ótica do letramento literário e da Semiótica Discursiva, isso feito mediante o envolvimento aprofundado na leitura do texto.

A obra em estudo consiste nas páginas de alguns dos diversos diários escritos por Carolina Maria de Jesus que é a autora-personagem desta. Nela, a escritora rememora os mais diversos acontecimentos de sua vida e das de seus filhos e de seus vizinhos, inclusive deixa claro que muitos deles se incomodavam com os seus escritos. Além desse caráter

confessional, acredita-se que a riqueza literária diante da precarização cotidiana é o que torna os escritos da autora-personagem tão buscados atualmente para pesquisas científicas.

Por fim, a leitura aqui proposta sob a égide teórica da Semiótica greimasiana e Tensiva e do letramento literário gerou como apêndice um material técnico e pedagógico, cujo objetivo é trabalhar as teorias por meio de atividades didáticas, mas sem pretensão de impor conceitos academicistas aos discentes.

4.4 Procedimentos

Esta pesquisa surgiu como um questionamento a respeito de como se organizam as aulas de literatura para o ensino fundamental nos anos finais, até por conta do apagamento que ela vem sofrendo há alguns anos nos documentos de referência educacional. Assim, propõe-se uma discussão no que concerne à necessidade do letramento literário trabalhado de forma eficiente na sala de aula, de tal forma que se consiga aprimorar a competência leitora dos discentes do 9.º ano do ensino fundamental.

Para que isso ocorra, o gênero literário apreciado é o memorialístico por intermédio da leitura de *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus. Tal escolha está relacionada tanto à questão do conteúdo tratado na obra, em todo o seu teor crítico e reflexivo, quanto à estrutura em forma de diário, a qual torna a leitura fluida e prazerosa.

Inicialmente, realizou-se uma pesquisa de natureza bibliográfica a respeito do ensino de literatura no ensino fundamental, a fim de compreender as possíveis mudanças pelas quais a escola vem passando no que diz respeito ao texto literário em sala de aula, além da busca por produções que sejam de conteúdo diretamente ligado ao gênero memorialístico e à Semiótica Discursiva de A. J. Greimas.

Após este momento, foi produzido um caderno didático, cujo objetivo é colocar em prática questões relativas à literatura, mais especificamente ao memorialismo, de maneira que, também, se aplique a teoria greimasiana para um viés didático-pedagógico. Há atividades das mais diversas, relacionadas à obra em análise – *Quarto de despejo* –, à autora e a elementos de cunho social, tais como racismo, feminismo, marginalização da população menos favorecida.

Faz-se mister lembrar que as atividades propostas visam aos estudantes do 9.º ano do ensino fundamental, porém podem ser adaptadas a outras séries; para isso, há orientações aos alunos que têm a pretensão de uma realização satisfatória. Além disso, o

caderno tem apontamentos voltados para os professores, a respeito de como utilizá-lo nas aulas de literatura, no intuito de que este material possa somar no fomento ao letramento literário, tendo como norteadora a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Como citado anteriormente, as atividades do caderno buscam aplicar elementos da Semiótica Discursiva na prática didático-pedagógica. Dentre esses conceitos, ganham destaque o percurso gerativo do sentido, a isotopia temático-figurativa e o campo de presença, estando a *memória-acontecimento* associada aos estados de alma e a *memória do acontecido*, aos estados de coisas.

Destarte, a metodologia aqui aplicada é pautada na construção de um caderno didático, por meio de atividades que visam ao reconhecimento por parte do professor de que a utilização do texto literário em sala de aula deve estar relacionada diretamente ao letramento literário e ao caráter humanizador da literatura (CANDIDO, 1995).

Assim, foi organizado pela autora um quadro que sintetiza os pressupostos da sequência básica de Cosson (2021), cujo foco é o alcance do letramento literário que perpassa, nessa sequência, quatro etapas, quais sejam *motivação, introdução, leitura e interpretação*.

Quadro 1 – Sequência básica de Cosson

SEQUÊNCIA BÁSICA	
Motivação	É o primeiro passo da sequência básica e busca a preparação para a entrada na leitura do texto pelo aluno. Pode ser feita de maneira temática ou por meio de atividades de leitura, escrita e/ou oralidade, já que ensino de língua e literatura podem se complementar.
Introdução	Na introdução, devem ser apresentados autor e obra. Vale ressaltar que aqui não se deve tratar de detalhes da vida que não serão interessantes para quem vai ler a obra, o que tornaria a aula expositiva longa em demasia. A respeito da obra, é importante justificar a escolha dela naquele momento e mostrar aos alunos o livro físico, porém é necessário cuidado para que não se alongar muito.
Leitura	Considerado um momento crucial, já que é a parte em que o leitor vai manusear o texto. Pode ser feita fora da escola, mas com retomadas a respeito dela dentro da sala de aula engendradas pelo professor, não como um vigilante da leitura, mas por meio dos <i>intervalos</i> , momentos em que se fará uma pausa sobre o assunto e posterior retomada, de forma que não sejam muito longos. Dessa forma, a leitura não será esquecida, mas também não será feita como uma imposição.

Interpretação	Esse momento é o da construção do sentido, já que nele se encontram leitor, autor e contexto, logo exige cuidados. Pode se dar em dois momentos: <i>interior</i> , traduzido pelo autor como “encontro do leitor com a obra” – etapas da leitura até que se chegue à conclusão, ao fechamento do livro – e <i>exterior</i> – materialização da interpretação em que se consegue compartilhar e ampliar os sentidos daquilo que foi lido.
----------------------	--

Fonte: Organizado pela autora da pesquisa com base em Cosson (2021).

4.5 O material técnico – Caderno de atividades

A partir de agora, será feita a análise do material técnico, a fim de demonstrar a sua relação com as teorias em voga nesta pesquisa. O primeiro ponto que merece destaque na confecção deste material foi a escolha do tom de amarelo, tendo em vista que, para Carolina Maria de Jesus, a fome tinha cor e era amarela, como afirma Audálio Dantas no prefácio de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014): “Carolina viu a cor da fome – a Amarela”; ou como a própria autora-personagem expõe em um de seus escritos: “...Resolvi tomar uma media e comprar um pão. Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as arvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos.” (JESUS, 2014, p. 44). Dessa maneira, optou-se por recorrência dessa cor ao longo do caderno, como uma forma de lembrar que a “amarela” está presente durante toda a leitura.

Além disso, as atividades que serão apresentadas e analisadas nesta pesquisa contemplam os quatro eixos de propostas pela BNCC (BRASIL, 2017), quais sejam: Oralidade, Análise Linguística/Semiótica, Leitura/Escuta e Produção de textos, com o objetivo de agregar ainda mais um uso contextualizado da língua falada/escrita às atividades com o texto literário, pois “não há sentido separar o ensino de literatura do ensino de língua portuguesa porque um está contido no outro.” (COSSON, 2021, p. 57).

Figura 2 – Capa do material técnico



Fonte: Elaborado pela autora.

Dando continuidade, esse material busca ser uma maneira de fomentar a leitura integral da obra em análise de Carolina Maria de Jesus, o que para Rouxel (2013) deve ser feito por meio da leitura sensível da literatura, pois é assim que se constrói o sujeito leitor e, conseqüentemente, se constrói a sua humanidade, corroborando com os pressupostos de Candido (1995) a respeito de uma literatura que humaniza. Dessa forma, as atividades propostas podem ser utilizadas pelo professor como *intervalos* dessa leitura global, estes são incentivados por Cosson (2021), tendo em vista que são uma forma de paralisar a leitura sem esquecer que ela está sendo realizada.

Diante disso, o caderno traz na primeira seção intitulada *A memória da fome*, na sua primeira atividade, a “porta de entrada” para que os alunos conheçam a temática por meio da pintura *Criança morta*, do pintor brasileiro Cândido Portinari, como se vê a seguir:

as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir.”. Vale ressaltar que esse momento não deve se estender muito, uma aula, segundo o estudioso já citado neste parágrafo, é o suficiente.

Isto posto, antes mesmo de iniciar a atividade, o/a professor/a pode mostrar a imagem em estudo e fazer perguntas simples, cuja resposta esteja explícita na pintura, como: Quantas pessoas há na imagem?; Por que estão juntas? (pergunta hipotética); Como é a aparência delas?; Todas elas estão bem?. A intenção é que haja um prenúncio do que se passa ali a partir das repostas dadas pelos próprios discentes, no intuito de que seja colocado em prática o pensamento tanto crítico quanto reflexivo a respeito da leitura e do que está ao redor de todos.

Após esse momento de predição, é importante que o professor trabalhe os aspectos da pintura sob a ótica das cinco questões propostas na atividade *Leitura da imagem* até a questão de número 3, já que as questões 4 e 5 predispõem a utilização de meios de pesquisa, a qual poderá ser apresentada em momento posterior como forma de exposição oral com ou sem cartazes, fica a critério do professor fazer esse combinado com a turma.

Além disso, a BNCC é referência para a produção de atividades contextualizadas, em que o texto seja a fonte para se trabalhar coerentemente, portanto, é basilar para essa e outras atividades que aparecerão posteriormente. No caso do trabalho com a pintura *Criança morta*, “Ressalta-se, ainda, a proposição de objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que concorrem para a capacidade dos estudantes de relacionarem textos, percebendo os efeitos de sentidos decorrentes da intertextualidade temática [...]” (BRASIL, 2017, p. 138 e 139). Dessa maneira, vê-se que a primeira proposta de atividade coaduna com os pressupostos da Base.

Figura 4 – Atividade seção 1 – Sobre a leitura

SOBRE A LEITURA

- 1. Que evento citado motivou a escrita do texto?**
- 2. O texto apresenta um desejo da mãe de presentear a filha. O que ela fez para conseguir realizar esse desejo?**
- 3. O texto relata algumas ações que a mãe realizava para conseguir alimentar sua família. Que ações eram essas?**
- 4. Por que a mãe não conseguiu sair à noite para catar papel?**
- 5. Procure o professor de matemática e faça pesquisas em busca de relacionar os valores em cruzeiros contidos no texto com os valores atuais, em real. A que conclusões chegou?**

Fonte: Elaborada pela autora.

Na atividade *Sobre a leitura*, presente ainda na seção 1 – *Memória da fome*, há a pretensão de ser trabalhada a primeira página do diário de Carolina que se passa no dia 15 de julho de 1955. É o dia do aniversário de Vera Eunice, a filha mais nova da autora-personagem, e ela pretendia comprar para a criança um par de sapatos, mas foi impedida porque, caso comprasse o presente, não conseguiria comer, nem ela nem os filhos. Então, Jesus (2014, p. 11) afirma: “Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar.”. Além disso, nesse dia Carolina se sentia indisposta, ainda assim, foi catar garrafas para trocar com um homem chamado Arnaldo, que lhe deu pão em troca, o que foi de grande ajuda, já que ela não tinha naquele dia, porém não teve condições de ir catar papel, que aparentemente é o que lhe rende mais dinheiro. Por ser muito trabalhadora, tinha um dinheiro a receber de papéis que havia catado antes daquele dia. Assim é a vida dela e dos filhos durante toda a leitura, uma vida regida pela precariedade.

Após esse esboço da página do diário, é importante comentar a respeito dos procedimentos necessários para realizar a atividade. Inicialmente, o/a professor/a deve realizar a leitura da passagem do livro com os alunos, se possível, tentando demonstrar um tom emotivo na leitura para que não reste dúvidas de que um dia que deveria ser de felicidade é apenas mais um dia de atribulações para a família Jesus. Outro ponto interessante seria que o/a docente estivesse com o livro físico nesse momento, mais ainda seria que todos pudessem ter esse contato, no entanto, compreende-se que as condições do/a estudante da escola pública não dá possibilidades para isso.

Antes de iniciar a atividade, o/a professor/a pode escolher algumas expressões em especial para um momento de discussão com a turma, a exemplo das passagens: “[...] Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. [...]” (JESUS, 2014, p. 11), em que pode ser iniciada perguntando: Por que o custo dos alimentos impede a realização dos desejos?; Esse trecho tem alguma relação com a atualidade?, aqui vale lembrar que o texto foi escrito nos anos 1950 e a problemática da insegurança alimentar já era recorrente. Outro questionamento seria: Por que ela se considerava escrava do custo de vida? Dessa maneira, seria facilmente iniciada uma conversa, buscando perceber o que os estudantes entenderam do texto e fazer reflexões a respeito das dificuldades prementes pelas quais a autora-personagem passa.


Foram feitas cinco questões, cujas respostas das quatro primeiras são de interpretação com o apoio do exercício de inferência que o aluno precisa fazer, na busca de “Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.” (BRASIL, 2017, p. 87), como apregoa a BNCC. Assim, a intenção, ao produzir as questões interpretativas, é buscar suscitar a criticidade naquele adolescente que terá acesso ao livro e às atividades propostas. Em relação à pergunta de número 5: Procure o professor de matemática e faça pesquisas em busca de relacionar os valores em cruzeiros contidos no texto com os valores atuais, em real. A que conclusões chegou?, o propósito é fomentar um processo de interdisciplinaridade, mas obviamente uma questão não é o suficiente para isso, porém deve ser encarado como uma tentativa de iniciar esse percurso, tendo em vista que a própria Base já traz essas imbricações e sobre o componente curricular matemática, anos finais do ensino fundamental, afirma que

Outro aspecto a ser considerado nessa unidade temática é o estudo de conceitos básicos de economia e finanças, visando à educação financeira dos alunos. Assim, podem ser discutidos assuntos como taxas de juros, inflação, aplicações financeiras (rentabilidade e liquidez de um investimento) e impostos. Essa unidade temática favorece um estudo interdisciplinar envolvendo as dimensões culturais, sociais,

políticas e psicológicas, além da econômica, sobre as questões do consumo, trabalho e dinheiro. (BRASIL, 2017, p. 269)

Figura 5 – Conceituação de gênero memorialístico na seção 1


GÊNERO MEMORIALÍSTICO



"O gênero memorialístico insere-se no estatuto de textos referenciais que relatam a trajetória de uma vida, são documentos que 'servem', inicialmente, à história e têm grande valor literário a partir da transformação da linguagem e seu discurso esteticamente elaborado."

Fonte: COSTA, José Carlos da; ALVES, Lourdes Kaminski. Representações da memória na literatura e na cultura. In: Revista Investigações. vol. 23, nº 1, Pernambuco: UFPE, 2010 (Adaptado)

Os diários e as autobiografias são exemplos de texto do gênero memorialístico.



Fonte: Elaborada pela autora.

Antes de partir para a análise da próxima atividade, é mister destacar que os discentes necessitarão do conceito de *gênero memorialístico*, logo, deve ser apresentado ao alunado antes, tendo em vista que será proposta a leitura do *box* para responder à questão de número 1, por exemplo.


O/A professor/a deve atentar-se para uma pequena introdução sobre elementos que caracterizam os diários e os que o aproximam e o diferenciam da autobiografia, como a utilização da narração autodiegética, texto escrito em 1ª pessoa, em ambos. Deve-se, ainda,


destacar que as autobiografias geralmente pressupõem que aquela história é de alguém cuja vida já é conhecida por um número razoável de pessoas, enquanto o diário pode se manter na intimidade, exceto em casos de publicação.

Figura 6 – Atividade seção 1 – *Mergulhando no texto*

MERGULHANDO NO TEXTO

1. Após a leitura do *box* Gênero Memorialístico, indique os elementos no texto que o caracterizem como um diário.
2. Assim como a autora, você tem o hábito de escrever diários ou conhece alguém que tenha esse hábito?
3. O que você entende quando a autora diz que "Atualmente somos escravos do custo de vida."?
4. No terceiro parágrafo, a autora afirma ter adoecido e, por isso, ela não pode ir trabalhar. Levando em consideração que seu trabalho não é fixo, como fica a situação financeira da família? Explique.
5. Qual o sentido do verbo "abluir" no texto? Relacione o significado às condições precárias da família. *Faça uso do dicionário.*





Fonte: Elaborada pela autora.

Faz-se necessário que o professor realize uma discussão com os alunos acerca das várias formas de se guardar o cotidiano em memórias existentes atualmente, a exemplo de *blogs*, *vlogs*, *status*, *stories* de redes sociais. Aqui também é válido mencionar a respeito da efemeridade dos *stories* e *status*, já que tem duração de apenas vinte e quatro horas, apesar de haver a opção de salvar, enquanto um diário, como registro escrito, pode resistir uma vida inteira, além das questões de exposição da intimidade. Esse debate sobre as redes e o gênero

memorialístico deve ser mediado pelo/a professor/a após a breve introdução a respeito do gênero diário.

A atividade *Mergulhando no texto*, ainda na seção 1 do caderno, é mais uma retomada da leitura, mas de maneira um pouco mais aprofundada do que a *Sobre a leitura*, como o próprio nome sugere. Já na questão 1, é necessário, por parte do estudante, encontrar no trecho do livro *Quarto de despejo*: diário de uma favelada o que o faz ser classificado como parte do gênero diário, posteriormente, nas questões 3 e 4, partindo para as situações mais complexas dentro da narrativa, a exemplo da crítica feita aos valores pagos pelos alimentos ou, ainda, quando Carolina remete à escravidão atual, a qual ela relaciona à sobrevivência financeira. Nesse momento, como uma correção de atividade coletiva, seria possível que o/a docente começasse uma conversa a respeito, por exemplo, de herança histórica de um Brasil escravista ou sobre as dificuldades enfrentadas por mães solo, tendo em vista que com a doença de Carolina, retomada na questão 4, os filhos terão menos acesso do que o “normal” à comida, tudo isso para entender como é a recepção da turma a respeito de temas como esses.

Na questão 2, busca-se entender a respeito da escrita de diários, se ainda existem jovens na adolescência escrevendo nesses cadernos que tanto têm para contar ou se ainda predomina como uma escrita feminina, o que não deve ser visto como uma regra. Essa questão busca também ser um estímulo à produção de um gênero textual tão rico no que concerne a falar sobre si mesmo sem que haja uma obrigatoriedade daquela ação, como se, conforme Freire (1989), ao expressar-se nele, se recriasse e revivesse no texto escrito a experiência passada.

Ademais, a questão 5 traz o uso do dicionário como ponto crucial para obter êxito na resposta dada, no entanto, um leitor mais atento já poderia inferir por meio do contexto a que se refere o verbo “abluir”, interessa, ainda, destacar que não basta localizar o verbete no dicionário, é necessário que o/a aluno/a estabeleça uma relação entre o significado e a situação em que se encontra aquela família. Dessa forma, espera-se que o leitor compreenda que “abluir-se” está num sentido de “lavar-se”, porém de forma rápida, já que não havia água encanada no barraco em que moravam, o que mais uma vez remete à escassez.

Figura 7 – Atividade seção 1 – *Mergulhando no texto* (continuação)

TEMAS E FIGURAS

Os textos, de maneira geral, permitem que o leitor identifique palavras e expressões que são centrais para compreender o texto. Na página de diário que lemos, a ideia central é a pobreza. Ao longo da leitura, as palavras vão sendo repetidas por meio de outras palavras, que chamaremos de *temas* e *figuras*, as quais garantem a coerência textual. As *figuras* são as expressões de natureza mais concreta, relacionadas às coisas que a mãe pode ou não comprar, como o sapato da sua filha. Já os *temas* são expressões mais abstratas e têm relação com o que ela busca consumir e, por vezes, não consegue. Em outras palavras, no texto as *figuras* têm a ver com as relações de uso (vestuário e alimentos), enquanto os temas, com as relações de troca (comércio e consumo).



6. Com a leitura do box Temas e Figuras, identifique na página do diário as relações de uso (*figuras*) e as relações de troca (*temas*) presentes no texto.



FIGURAS	TEMAS
sapato	Estão em larvi 3 litros e troquei com o Arnaldo

Fonte: Elaborada pela autora.

A atividade *Mergulhando no texto* não finaliza na questão 5, na página 6 do caderno, encontra-se a última questão, cujo foco está no uso da Semiótica Discursiva, uma das teorias em estudo nesta pesquisa, em atividades do ensino fundamental – anos finais. Para isso, foi feita uma breve explanação para o aluno sobre *temas* e *figuras*, as quais fazem parte

dos níveis de concretização do sentido (Fiorin, 2021) por meio de reiteraões semânticas, ou seja, usa-se expressões que remetam a um determinado assunto, o que o torna recorrente dentro do texto. Além disso, *temas* e *figuras* fazem com que o texto se torne algo mais próximo do concreto, não à toa dentro do *percurso gerativo de sentido* se encontram no nível discursivo, o mais concreto dos três.


Isto posto, os/as alunos/as devem buscar expressões relacionadas à troca (*temas*) e ao uso (*figuras*). Por ser a Semiótica Discursiva ainda pouco exploradas em atividades escolares, optou-se pela exemplificação em um quadro, para que se tenha um parâmetro a ser seguido. Esse tipo de tematização e figurativização (Fiorin, 2021) é bastante recorrente em *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. Como a proposta é a leitura integral do livro, espera-se que isso fique perceptível também para o leitor.

Inicia-se uma nova seção na página 7 do material técnico, cujo título é *O que Carolina tem?*, numa referência à frase da canção *O que é que a baiana tem?* (1939), de Dorival Caymmi, interpretada por Carmen Miranda, em que se faz a pergunta que dá título à canção diversas vezes e há respostas diferentes e num tom positivo, em que se demonstra que a baiana está, ao menos na canção, em conjunção com a riqueza, totalmente o oposto de Carolina Maria de Jesus, sempre em disjunção com a prosperidade e em conjunção com a pobreza. Portanto, o título *O que Carolina tem?* foi pensado numa perspectiva da *figuratividade*, num contraponto entre a carência material e a riqueza literária manifestada na forma de diário.

Além disso, a apresentação do autor remete à *introdução* na sequência básica de Cosson (2021), na qual deve ser feita uma exposição breve sobre autor e obra, de maneira a não se alongar demais, mas sem deixar de revelar pontos da vida do autor que, se possível, possam ter alguma relação com a temática da obra. Assim, passa-se agora à análise da segunda seção desse material.


Figura 8– Atividade seção 2 – *Sobre a autora*

SOBRE A AUTORA



Disponível em:
<https://br.pinterest.com/pin/65231834586970320/>

1. Pesquise em outras fontes a respeito da vida da autora e registre no caderno.
2. Escolha, a partir dessa pesquisa, uma informação a respeito de Carolina Maria de Jesus que tenha lhe chamado mais atenção, anote-a e depois exponha para os colegas por que escolheu essa informação.
3. O título desta seção é *O que Carolina tem?*. De que forma o verbo "ter" se torna essencial para entender a história da autora?
4. Na sua opinião, escrever sobre a vida num diário torna as coisas *menos difíceis* para quem escreve? Por quê?



A atividade *Sobre a autora* se inicia na página 8, em que há uma breve apresentação sobre Carolina Maria de Jesus, além de uma foto e um *QR code* para apresentação de uma animação que foi ao ar no programa Fantástico da Rede Globo de Televisão, num quadro chamado *Mulheres Fantásticas*. Além disso, há um *QR code*, no intuito de que seja possível acessar o vídeo de forma rápida. Esse vídeo obviamente, por ser uma animação, tem um tom que acaba amenizando as dificuldades enfrentadas por Carolina, o que deve ser ressaltado pelo/a docente.

Isto posto, faz-se mister passar à análise das questões. Por ser o *Sobre a autora*, a atividade tem um teor mais bibliográfico, principalmente as duas primeiras questões, no sentido de que os/as discentes deverão realizar pesquisas mais aprofundadas, inclusive, a BNCC apregoa como uma de suas competências para o ensino médio em língua portuguesa o “domínio de procedimentos, gêneros e práticas de linguagem relacionadas a diferentes tipos de pesquisa: bibliográfica, experimental, de campo etc.” (BRASIL, 2017, p. 515). Embora, o material produzido tenha como público estudantes do ensino fundamental – anos finais não significa que uma competência do ensino médio seja de todo inapropriada para a aplicação no 9.º ano, por exemplo.

A questão 3, entretanto, retoma um teor voltado para o campo da Semiótica Discursiva. O enunciado é “O título desta seção é *O que Carolina tem?* De que forma o verbo “ter” se torna essencial para entender a história da autora?”, a partir disso, espera-se que os/as estudantes compreendam que a autora-personagem não é uma pessoa de posses, o que torna a pergunta *O que Carolina tem?* um paradoxo. Além disso, remete à situação de disjunção com a riqueza e conjunção com a pobreza em que a escritora está inserida desde sempre, como se ela estivesse inserida em um círculo vicioso que vem desde a infância dela e que já ocorria com seus antepassados, remetendo, assim, à herança escravocrata brasileira.

Por fim, a última questão do *Sobre a autora* busca uma reflexão acerca da possibilidade de o diário ser uma espécie de refúgio na escrita, uma maneira de expor as dores sem ter muitos receios de sofrer julgamentos, tendo em vista que é uma escrita de si para si, exceto quando se tornam públicos, mas geralmente não são escritos para o outro.

Figura 9 – Atividade seção 2 – *Hora de exercitar*

HORA DE EXERCITAR



Não casei e não estou descontento. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis.

Tem a Maria José, mais conhecida por Zefa, que reside no barracão da Rua B número 9. É uma alcoolatra. Quando está gestante bebe demais. E as crianças nascem e morrem antes dos doze meses. Ela odeia-me porque os meus filhos vingam e por eu ter rádio. Um dia ela pediu-me o rádio emprestado. Disse-lhe que não podia emprestar. Que ela não tinha filhos, podia trabalhar e comprar. Mas, é sabido que pessoas que são dadas ao vício da embriaguês não compram nada. Nem roupas. Os ebrios não prosperam. Ela as vezes joga água nos meus filhos. Ela alude que eu não expanco os meus filhos. Não sou dada a violência. O José Carlos disse:

– Não fique triste mamãe! Nossa Senhora Aparecida há de ter dó da senhora. Quando eu crescer eu compro uma casa de tijolos para a senhora. [...]

JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Ilustrações: Vinícius Rostagnol Felipe. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014, p.17.

VOCABULÁRIO

soez: 1. barato, sem nenhum valor; desprezível, reles, vulgar;
2. que não tem bom caráter; baixo, vil, ordinário.

1. A partir da leitura do trecho do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, responda:

- Há algum uso do vocativo no trecho acima? Se sim, identifique o trecho.
- Como foi possível perceber que a autora se utilizou desse recurso?
- Ao fazer a identificação do vocativo, é possível afirmar que falta um elemento importante na construção do enunciado. Qual seria ele?
- Levante hipóteses: Por que Carolina não utilizou tal recurso?
- Isso causou prejuízo ao entendimento do leitor? Justifique sua resposta.

2. Utilizando-se de um vocativo, crie uma possível resposta dada ao filho pela mãe. Não esqueça de colocar em prática a regra de pontuação própria deste elemento da língua portuguesa.




Antes de iniciar a atividade *Hora de exercitar*, que consta também na seção 2 – *O que Carolina tem?* –, nas páginas 10 e 11 do material, há conceituação de vocativo e textos de *Quarto de despejo*: diário de uma favelada e outros para comparação, a título de exemplificação e reconhecimento do uso do vocativo. Sendo assim, nessa atividade está presente o eixo de análise linguística de maneira mais clara, quando serão feitas perguntas sobre o já citado uso do vocativo e da pontuação, mais especificamente colocação de vírgula. Espera-se que os/as discentes consigam reconhecer e identificar o vocativo nos períodos apresentados, além de entender o uso da vírgula em casos como esse.

Dessa forma, se pretende chegar à “Compreensão dos efeitos de sentido provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos em textos pertencentes a gêneros diversos” (BRASIL, 2017, p. 73), pois entende-se que somente por meio de atividades contextualizadas se alcança o uso produtivo da língua.

Figura 10 – Atividade seção 2 – Estrutura básica do diário

ESTRUTURA BÁSICA DO DIÁRIO

- Referência ao período em que foi escrita a página do diário por meio da data
- Vocativo se referindo ao interlocutor (nesse caso, o próprio diário)
- As situações vividas pelo autor-personagem naquele período
- Assinatura



É possível perceber que a estrutura do diário lembra bastante a de uma carta, como nos exemplos a seguir:

PÁGINA DE DIÁRIO

Belo Horizonte, 03/03/2020

Querido diário,


Hoje foi um dia muito especial para mim! Depois de muito tempo, reencontrei minha melhor amiga, a Vanessa. Fomos fazer o que mais amávamos na nossa infância: tomar sorvete na sorveteria na esquina da nossa antiga escola.

Conversamos muito e matamos a saudade. Rimos das histórias hilárias do nosso tempo de colégio e contamos como as nossas vidas mudaram desde então. Espero muito reencontrá-la em breve e que seja um dia tão feliz como este.

Joana Lopes

Disponível em: <https://www.significados.com.br/genero-textual-diario/>

CARTA



Disponível em: <https://atardo.com.br/muito/escrivem-se-cartas-de-amor-786500>

NA PRÁTICA...

- Identifique os elementos estruturais presentes tanto na página de diário quanto na carta vistos anteriormente.

14

15

Nas páginas 14 e 15 do material, é possível se deparar com a *Estrutura básica do diário*, na qual aparecem tópicos a respeito do que pode ser encontrado numa página de diário e, posteriormente, uma comparação da estrutura do diário com a da carta, tendo em vista que ambos utilizam data, vocativo, conteúdo e assinatura, entretanto a interlocução os diferencia, porque, em relação à carta, pode haver uma resposta, diferentemente do que ocorre com o diário.

A partir disso, foi criado um ponto a ser respondido em que devem ser identificados os elementos em comum nos dois textos para fins de comparação. É interessante que, no momento da correção, o/a professor/a possa fazer referência à diferença quanto à interlocução nos dois textos, por meio de um questionamento, por exemplo, para que os/as discentes possam demonstrar se estavam ou não atentos a isso.

Figura 11 – Atividade seção 2 – *Produção textual*

PRODUÇÃO TEXTUAL

PLANEJANDO MEU DIÁRIO

Agora que você já sabe como é o gênero diário, que tal escrever o seu?

A produção escrita será realizada, em sala de aula, e apresentada no formato de vlog (na semana Literária).

No primeiro momento, teremos a primeira escrita do diário e, após a análise do texto, a reescrita. Posteriormente à reescrita, todas as produções serão gravadas (produção oral) e colocadas no blog da escola.

PRÁTICA
<ul style="list-style-type: none"> • Planejar seu texto. Anote os fatos que você queira destacar. Exemplos: Quando aconteceu? Onde? O que ocorreu? Quais pessoas envolvidas?
<ul style="list-style-type: none"> • Utilizar a primeira pessoa. Não esqueça de usar palavras que revelem suas opiniões e suas sensações.
<ul style="list-style-type: none"> • Empregar uma linguagem informal, mas esteja atento às convenções de escrita, como: ortografia, parágrafos, coesão, coerência etc.
<ul style="list-style-type: none"> • Não esquecer de utilizar data, vocativo e assinatura. Embora não exista uma fórmula exata para a composição do diário, esses elementos costumam aparecer no texto.

ANTES DE COMEÇAR

➔

Figura 11 (continuação) – Atividade seção 2 – *Produção textual*

PARA TER UMA APRESENTAÇÃO PADRONIZADA, SIGA OS PASSOS ABAIXO:

1. Anote na folha a data e o vocativo.
2. Redija o seu texto relatando as suas vivências. Inclua opiniões, reflexões e sentimentos.
3. Lembre-se de colocar quando as situações ocorreram, pode separar pelas datas.
Não esqueça de utilizar os verbos no passado.
4. Após a escrita dos acontecimentos, você pode escrever um parágrafo explicando por que esses fatos ficaram em sua memória.
5. Assine o texto, incluindo, se desejar, uma despedida.

16

Uma excelente apresentação!

Fonte: Elaborada pela autora

Nesse momento do material, é chegada a hora da produção textual. É importante observar o que a BNCC afirma sobre: “O Eixo da Produção de Textos compreende as práticas de linguagem relacionadas à interação e à autoria (individual ou coletiva) do texto escrito, oral e multissemiótico, com diferentes finalidades e projetos enunciativos [...]” (BRASIL, 2017, p.76), portanto, a iniciativa de produção inicial de um diário apontada na figura 8 está de acordo com o que assevera a Base, já que pretende despertar nos/as alunos/as o interesse pela escrita de forma individual de um texto autoral escrito e, posteriormente, transformá-lo em uma gravação a ser publicada em um *blog* da escola. No entanto, isso somente ocorrerá quando se der a reescrita.

Nesse primeiro momento, devem ser seguidas as orientações do quadro *Prática* e logo abaixo as diretrizes do *Para se ter uma apresentação padronizada...*, aqui não se entenda como todos os textos devem ser iguais, mas em estrutura é interessante que mantenham o básico do que se compreende como uma página de um diário.

Figura 12 – Atividade seção 2 – *Produção textual (reescrita)*

PRODUÇÃO TEXTUAL

DICA DE PROFESSOR

Agora que vocês têm a primeira versão do seu diário, releia para identificar e corrigir seus desvios. Observem a organização do texto, suas ideias e, principalmente, os parágrafos.


Após a revisão do seu texto, agora é a vez de compartilhá-lo com os colegas. Nesse momento de reescrita, cada aluno deve ler o texto do colega e avaliá-lo. Para ajudar nessa fase, vamos disponibilizar um quadro com critérios para essa avaliação.

AVALIAÇÃO	
1	O texto apresenta data e vocativo?
2	No texto há eventos marcantes? As informações principais foram apresentadas utilizando os verbos no passado?
3	O texto apresenta fatos pessoais?
4	O texto, embora informal, segue as convenções ortográficas? Tem uma coerência no que foi escrito? Os parágrafos foram utilizados corretamente?

Após a correção do texto do colega, explique as contribuições que foram realizadas por você. Se necessário, explique a ele sobre as suas escolhas ou escreva-as, a lápis, no próprio texto.

LEMBRE-SE

O momento da reescrita é tão importante quanto o da escrita. Após os comentários do seu colega, leia o texto atentamente e planeje as mudanças. Em seguida, reescreva o seu texto. Reorganize os parágrafos e verifique se nele consta a sua ideia central.



17

Fonte: Elaborada pela autora.


Nesse segundo momento, espera-se que cada aluno/a se comprometa a fazer a revisão no texto do/a colega de forma honesta e séria, compreendendo que isso ajudará a pessoa que escreveu a refletir os pontos a melhorar. Para isso, foi elaborado um quadro de

Avaliação com perguntas referentes ao uso do vocativo, a momentos marcantes, ao uso do verbo no passado, outra característica do diário, à linguagem mais informal, mas que obedeça às regras ortográficas e à marcação adequada de parágrafos. Faz-se mister que o/a professor/a seja um mediador nesse momento para que a proposta de produção se mantenha da forma esperada, logo, é o momento de usar o quadro *Lembre-se* para retomar questões de figurativização e tematização (Fiorin, 2017) que estão intimamente relacionadas à coerência textual, por meio da reiteração semântica (ver Figura 5), que aqui podem levar a ideia central citada no quadro.


É válido destacar que as atividades de produção textual da parte final desta seção são interligadas com a próxima a ser analisada a de *Oralidade*, o que significa que deixar de fazer algo compromete o resultado ao final da seção.

Figura 13 – Atividade seção 2 – Oralidade

ORALIDADE




Agora que você já conhece o gênero textual diário e já tem uma produção escrita pronta, que tal apresentá-la para a turma no *blog* da escola?





*E se fôssemos uma feira literária on-line?
 Portanto, as produções escritas, realizadas em sala de aula, deverão ser no formato de vídeo (vlog), o qual deverá ser postado no Blog da escola.
 Já pensou como vai ser "massa" ter acesso a muitos vídeos no nesse Blog?
 Vocês vão ficar fora dessa?*

PARA TER UMA APRESENTAÇÃO PADRONIZADA SIGA OS PASSOS ABAIXO:



1. Escolha um fragmento do seu texto escrito e elabore um roteiro de falas que deverá ser apresentado.
2. Escolha um local tranquilo para realizar a gravação de seu vídeo.
3. Lembre-se de que, antes da gravação, é importante que você ensaie suas falas para ter mais segurança durante a gravação.
4. Na apresentação, fale em voz alta, devagar, com fluência e pronunciando claramente as palavras.
5. Após a gravação, não se esqueça de verificar se o vídeo e o áudio estão sincronizados.
6. Cada aluno deve postar seu vídeo editado no *Blog* da escola.
7. Na página, terá um espaço para que seus colegas possam tecer comentários sobre sua produção.





18

Uma excelente apresentação!

Fonte: Elaborada pela autora.

A atividade *Oralidade*, fechamento da seção 2 – *O que Carolina tem?* –, é a culminância das duas anteriores de produção textual. Nela se sugere uma feira literária a fim de publicizar as páginas de diário produzidas pelos/as discentes nas aulas anteriores. Ela se pauta no que a Base apregoa a respeito desse eixo, como se vê a seguir:


O Eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, *spot* de campanha, *jingle*, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, *playlist* comentada de músicas, *vlog* de game, contação de histórias, diferentes tipos de podcasts e vídeos, dentre outras. (BRASIL, 2017, p.p. 78 e 79)

A atividade propõe que seja realizada por meio de um *blog*, no entanto, o/a professor/a tem autonomia para adaptar a outras possíveis plataformas, a exemplo das próprias redes sociais, por meio de *stories*, ou pelo Padlet, um mural *on-line* em que é possível fazer diversas publicações com textos, fotografias, vídeos, dentre outros.

Por fim, há um passo a passo para os/as estudantes praticarem, a fim de realizarem a atividade de maneira mais segura. Vale, ainda, o destaque para o trabalho de manuseio com ferramentas digitais que é um tema bastante em voga na atualidade.

Em continuidade, a seção 3 do material técnico tem início na página 19 com o título *É verbal ou não verbal?*, em que serão estudados os conceitos das linguagens verbal, não verbal e mista, por intermédio de comparações entre textos, além de produção de texto que faça uso das linguagens em estudo. Passa-se agora à análise da primeira atividade da seção.

Figura 14 – Atividade seção 3 – *Leitura*

LEITURA 

1. Há uma relação entre os dois textos. Qual?
2. Com base na leitura do trecho do diário, Carolina era uma mulher de fé? Justifique sua resposta com um trecho do texto.
3. Levante hipóteses:
 - Por que Carolina pensou que os biscoitos poderiam estar envenenados?
 - Mesmo assim a catadora comeu. O que não a impediu de ingerir os biscoitos?
4. Você sabe o que é um provérbio? Conhece algum famoso? (Se sim, exemplifique.)

Figura 14 (continuação) – Atividade seção 3 – Leitura

Provérbio: s.m.

1 Frase curta de caráter prático e popular, geralmente com ritmo e rima, rica em imagens e sentidos figurados, que contém uma síntese a respeito de uma regra social ou moral; aforismo, anexim, ditado, máxima, rifão.

2 No Velho Testamento, pequena frase com o intuito de aconselhar ou educar; pensamento.

5. Identifique, no trecho do diário, e copie um provérbio que foi utilizado pela autora-personagem.

6. Explique o sentido que pode ser atribuído ao provérbio utilizado por ela.

7. Levante hipóteses:

- Na charge, por que o menino diz à mãe que sua barriga está "mentindo"?

8. O que as expressões faciais da criança e da mulher sugerem?

9. Identifique uma frase presente no trecho que possa ser relacionada à expressão facial da criança ou da mãe (ou de ambos), anote no caderno e explique o motivo da escolha.

10. Identifique, no trecho do diário de Carolina, dois verbos que estejam em tempos verbais diferentes e explique que efeito esse uso causa no texto.

Fonte: Elaborada pela autora.

A primeira atividade da seção 3 – *É verbal ou não verbal?* –, retomando Cosson (2021), poderia ser utilizada em um dos intervalos de leitura, tendo em vista que, na página 20, é apresentada uma charge com a mesma temática tão comentada na obra de Carolina Maria de Jesus: a fome, e um trecho de *Quarto de despejo*: diário de uma favelada no intuito de se comparar uma leitura genuinamente verbal e outra que mescla verbal e não verbal.

Para efeito de análise, será utilizado o seguinte conceito da Base:

Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. (BRASIL, 2017, p. 72)

Assim, vê-se que as leituras e a atividade propostas estão de acordo com o que assevera a Base no trecho acima. Portanto, busca-se ampliar os horizontes dos/as discentes no que diz respeito à leitura.

As questões 1 e 9 foram produzidas numa perspectiva de comparação entre os textos; já as questões 2 e 8 têm um cunho mais voltado para a interpretação de textos com informações mais explícitas nele; as questões 3 e 7 buscam que se faça inferência, por meio do *Levante hipóteses*; as demais questões se referem a elementos externos ao texto, mas que, de alguma maneira, podem ser relacionados a ele.

A questão 10 trata de verbo sob a ótica de que é um conteúdo já estudado, mais especificamente *tempos verbais*. Nela será necessária a identificação de dois verbos em diferentes tempos e, posteriormente, deve ser explicado o efeito causado pelos tempos distintos dentro do mesmo contexto. Esse enunciado foi pensado na perspectiva do trabalho com a memória sob a égide da Semiótica Tensiva e o conceito de *acontecimento* (Zilberberg, 2011), como algo que surpreende, que quebra a expectativa. Essa conceituação se desdobrou em dois tipos conhecidos por meio de outros estudos de Barros (2016): *memória do acontecido* e *memória-acontecimento*, esta tem relação com questões afetivas que causem algum impacto emocional, aquela com uma memória mais delimitada e descritiva, sem que haja situações de surpresa. Assim, conclui-se que as duas perspectivas aparecem nos textos de Carolina, como se vê no trecho a seguir que serviu de base para a atividade aqui descrita:

30 de maio

...Troquei a Vera e saímos. Ia pensando: Será que Deus vai ter pena de mim? Será que eu arranjo dinheiro hoje? Será que Deus sabe que existe as favelas e que os favelados passam fome?

... O José Carlos chegou com uma sacola de biscoitos que catou no lixo. Quando eu vejo eles comendo as coisas do lixo penso: E se tiver veneno? É que as crianças não suporta a fome. Os biscoitos estavam gostosos. Eu comi pensando naquele provérbio: quem entra na dança deve dançar. E como eu também tenho fome, devo comer. (JESUS, 2014, p.p. 46 e 47)

Antes de seguir para a análise da próxima atividade, faz-se necessário contextualizá-la com os conceitos anteriores a ela. Sendo assim, nas páginas 22 e 23 do material, encontrar-se-á uma conceituação a respeito dos tipos de linguagem, os quais estão citados anteriormente, seguida de exemplificação com uma página da *graphic novel Carolina* (2018), acrescida, ainda, de uma breve explanação sobre o gênero tirinha e suas características mais comuns, com um exemplo do personagem Armandinho, de Alexandre Beck, cujo trabalho é sempre permeado de críticas aos problemas presentes na sociedade brasileira.

Figura 15 – Atividade seção 3 – *Produção textual*

PRODUÇÃO TEXTUAL

Agora que você conheceu melhor o gênero textual *tirinha*, é a sua vez de produzir um texto cuja característica principal seja utilizar a linguagem mista, isto é, linguagem verbal e não verbal ao mesmo tempo.

Para isso, em dupla com um colega da sala, escolha um momento da leitura do diário de Carolina Maria de Jesus, intitulado *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, e reproduza a tirinha sob essa nova perspectiva apresentada.

- Sua tirinha deve ter no máximo três quadrinhos, um ao lado do outro;
- Poderá trocar expressões utilizadas no texto original, mas não deve modificar a temática apresentada;
- As cores dos desenhos são de livre escolha.



Fonte: Elaborada pela autora.

A atividade acima exposta pertence ao eixo da produção de textos e fecha a penúltima seção do caderno pedagógico. Aqui, busca-se chegar à última fase da sequência básica de Cosson (2021): *interpretação*, na qual existem dois momentos, segundo o autor, o interno, em que há o encontro de quem lê com o livro, e o externo, entendido como a “materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determianda

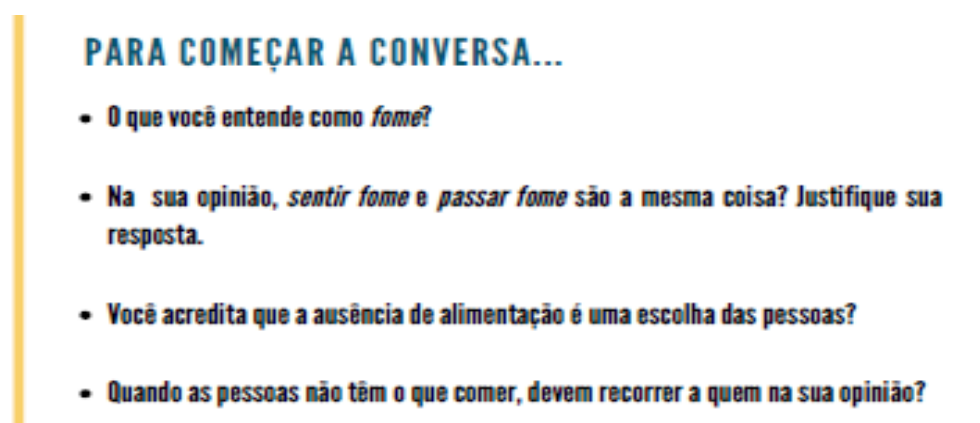
comunidade” (COSSON, 2014, p. 65), o que demonstra a acepção da leitura como um ato social.

Ao chegar a essa etapa, compreende-se que a leitura foi finalizada e que o leitor encontra-se literariamente letrado, logo é possível escolher uma passagem marcante do livro lido para representar com base em outra semiose, como se afirma na BNCC: “Assim, as práticas de leitura/escuta e de produção de textos orais, escritos e multissemióticos oportunizam situações de reflexão sobre a língua e as linguagens de uma forma geral [...]” (BRASIL, 2018, p. 81).

Portanto, o que se intenta com essa atividade de produção textual realizada em dupla é a reflexão sobre a leitura, no sentido de que, para Freire (1989), o ato de ler não finaliza na decodificação de palavras, o que pode se identificar com a proposta de sequenciar a leitura de Cosson (2021), a qual vai além de somente etapas, pois, ao finalizar, espera-se que se partilhe, reflita, produza, isto é, torna-se processo.

Mais adiante, inicia-se a última seção do material técnico aqui analisado, a qual começa com a seguinte provocação: *É normal não ter comida?*, já na página de abertura. Com isso, o objetivo das atividades propostas nela é suscitar a criticidade mediante a desigualdade social enfrentada por tantas *Carolinas* encontradas no mundo. Para isso, serão feitas algumas perguntas, como se vê na figura a seguir:

Figura 16 – Atividade seção 4 – Para começar a conversa...



Fonte:Elaborada pela autora.

Essa atividade funciona como uma predição para motivar a participação dos/as alunos/as sobre a temática da fome, por isso, as perguntas têm um teor mais pessoal, ao estilo *Na sua opinião [...]*. Antes das perguntas, é interessante que o professor sempre retome as questões sociais, as quais muitas vezes são tão comuns na vida dos jovens, principalmente da


escola pública, já que, nos termos de Freire (1989, p. 9), “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”.

Nessa primeira conversa da seção 4, podem ser comentadas ainda políticas de assistência social, a exemplo do Programa Bolsa Família⁸ que foi criado em 2003 e proporcionou a saída de muitas pessoas de uma zona alimentar insegura, além de aumentar a frequência escola, pois estava condicionada ao recebimento.

Figura 17 – Atividade seção 4 – *Leitura*

LEITURA

1. O que ocasionou a escrita da notícia?
2. Qual é o ponto em comum entre a notícia e o trecho da página do diário de Carolina? Como chegou a essa conclusão?
3. Você já ouviu falar em Declaração Universal dos Direitos Humanos? Imagina o que tem nessa declaração?



LEI Nº 11.346, DE 15 DE SETEMBRO DE 2006.

CAPÍTULO I

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 1º Esta Lei estabelece as definições, princípios, diretrizes, objetivos e composição do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN, por meio do qual o poder público, com a participação da sociedade civil organizada, formulará e implementará políticas, planos, programas e ações com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada.

Art. 2º A alimentação adequada é direito fundamental do ser humano, inerente à dignidade da pessoa humana e indispensável à realização dos direitos consagrados na Constituição Federal, devendo o poder público adotar as políticas e ações que se façam necessárias para promover e garantir a segurança alimentar e nutricional da população.

28

Fonte: Elaborada pela autora.

A atividade *Leitura* da seção 4 foi produzida com base em duas leituras, a de uma manchete que saiu no portal G1 em 18 de outubro de 2021 – *Moradores coletam comida do lixo em Fortaleza* – e uma página do diário de Carolina. As duas histórias se encontram no ponto *comida retirada do lixo*, é importante lembrar que, por mais que *Quarto de despejo*: diário de


⁸Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/crianca_feliz/CriancaFeliz_BolsaFamilia.pdf

uma favelada seja considerado uma obra literária, as duas histórias são reais, só acontecem em momentos diferentes. Sendo assim, as questões apresentadas na página 28 do caderno são voltadas para essa comparação de realidades em tempos distintos, mas tão iguais ao mesmo tempo.

Além disso, é, ainda, apresentada, na mesma página com continuação na seguinte, a Lei 11.346 (BRASIL, 2006) que cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN, cujo intuito é assegurar o direito a uma alimentação adequada a toda a população. Antes de iniciar a leitura da supracitada lei, foi feita uma pergunta a respeito da Declaração Universal dos Direitos Humanos, para que se abrisse essa discussão em torno de documentos oficiais que objetivam auxiliar a população tanto a nível mundial quanto nacional.

Figura 18 – Atividade seção 4 – *Hora de opinar*

HORA DE OPINAR



O texto anterior, Lei 11.346/2006 aborda uma questão polêmica: a insegurança alimentar, que afeta milhões de pessoas, não somente aqui no Brasil, mas em diversas outras regiões do planeta.

Debata com os colegas:

- **O problema da fome e da precariedade vivida por essas pessoas é recente? Justifique sua resposta.**
- **A criação da Lei 11.346 conseguiu acabar com a fome dos brasileiros por completo? Justifique sua resposta.**

29

Fonte: Elaborada pela autora.

Os dois pontos a serem respondidos da atividade *Hora de opinar* têm como embasamento os textos do tópico *Hora da leitura* e a Lei 11.346 de 2006. No primeiro ponto, é necessário que haja uma inferência por parte dos/as discentes a respeito de como o problema da insegurança alimentar é recorrente no país, já que a autora-personagem de *Quarto de*

despejo: diário de uma favelada já contava a respeito dessa problemática nos anos 1950 e em 2021, mesmo com todo o avanço tecnológico e social, as pessoas ainda são vulneráveis quando o quesito é alimentação.

No segundo ponto, a pergunta é voltada para a atualidade, para o contexto em que os/as alunos/as estão inseridos, porém a resposta permanece como uma negação. Aqui ele podem retomar mais uma vez a leitura do portal G1 a respeito da situação deplorável ocorrida em Fortaleza no ano de 2021.

Figura 19 – Atividade seção 4 – Oralidade

ORALIDADE


ATIVIDADE EXPOSITIVA EM GRUPO

Os grupos deverão pesquisar:

- Declaração Universal dos Direitos Humanos
- Organização das Nações Unidas
- Constituição Federal brasileira

Esses temas devem ser subdivididos em:

- O que é?
- Como surgiu/foi criada?
- Qual o objetivo?
- Como impactou/impacta na vida das pessoas?
- Como podem ser relacionados à notícia "Moradores coletam comida em caminhão de lixo em Fortaleza" do G1 e com a página do diário de Carolina?



29

Fonte: Elaborada pela autora.

Com essa atividade de *Oralidade* é finalizada a seção 4 – *É normal não ter comida?*. Nela foi proposta uma atividade em grupos com o objetivo de que façam exposições orais a respeito dos temas sugeridos, quais sejam: Declaração Universal dos Direitos

Humanos, Organização das Nações Unidas e Constituição Federal brasileira, seguidos de um breve roteiro sobre quais perspectivas tomar a respeito da exposição oral.

A partir dessa apresentação, além de conteúdos relacionados às leis, normas e instituições relacionadas aos direitos humanos, conseguirão ter um momento de interação em grupos menores e, posteriormente, no grupo maior, se aprofundarão em pesquisas, além de ter a oportunidade de fazer uma apresentação na forma digital por meio de *slides*, por exemplo. Ademais, poderão retomar a leitura da obra de Carolina Maria de Jesus como uma fonte de exemplificação para aquelas desobediências às leis que conseguirem identificar ao longo da feitura desse trabalho.

Dessa forma, compreende-se que é necessário

Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo. (BRASIL, 2018, p. 87)

Portanto, conclui-se que as atividades propostas pelo material técnico desta pesquisa alcançam diversos pressupostos da BNCC, além de serem práticas possíveis quando se utilizar a sequência básica de Cosson (2021) para ler *Quarto de despejo: diário de uma favelada* em sala de aula com o objetivo de fomentar o letramento literário no ambiente escolar.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa surgiu de um desejo de se trabalhar com um tipo de literatura pouco apreciado pelo cânone literário, haja vista ter sido escrita por uma mulher negra, de origem humilde e mãe solo que só frequentou a escola durante dois anos. Dessa forma, Carolina Maria de Jesus faz parte de um contexto marginalizado da literatura brasileira que, entretanto, tem bastante a agregar cultural e socialmente ao leitor.

Por isso, *Quarto de despejo*: diário de uma favelada se tornou o *corpus* desta pesquisa. Dentre várias características, o diário é um gênero textual de simples compreensão, além de ser muito rico por ter a memória como mote para a sua escrita, o que torna fácil a aceitação por parte dos/as dicentes. Além disso, a obra de Carolina é permeada de textos que levam à reflexão e à criticidade, dois pontos bastante importantes para que seja feito um trabalho eficiente em sala de aula, inclusive destacados em diversos trechos da BNCC.

O método estabelecido foi o da pesquisa aplicada, mas não com coleta de dados e produção de gráficos etc. e sim com os desdobramentos de uma revisão bibliográfica em um material técnico de caráter pedagógico, cujo objetivo é estimular o letramento literário na sala de aula do ensino fundamental – anos finais, mas que facilmente pode ser adaptado a outras séries. Embora não tenha sido feita uma aplicação na sala de aula, isso não significa que o material não possa ser aplicado. Com efeito, o Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – busca pesquisas com esse teor aplicável no contexto escolar, porém, por conta do contexto pandêmico, a turma VII passou por todo o processo do mestrado de forma remota, o que prejudicou essa etapa dos estudos.

No que diz respeito à escolha das teorias para embasar a pesquisa, optou-se pelo letramento literário como aporte à leitura que busca um leitor fruidor e crítico, por meio de etapas vinculadas à sequência básica do letramento literário proposto por Cosson (2021). Por sua vez, a Semiótica Discursiva foi utilizada na busca da construção de sentidos, com foco no texto e sua relação com os elementos que o constroem, mais especificamente a Semiótica Tensiva e os estudos relacionados à *memória do acontecido* e à *memória-acontecimento*.

As teorias supracitadas foram cruciais para a criação do caderno pedagógico, fruto desta pesquisa, tendo em vista que as atividades buscam torná-las mais próximas do contexto de alunos/as e professores/as, visando a um percurso a ser seguido nas aulas de literatura no ensino fundamental – anos finais – com objetivo de causar uma maior participação discente.

Conclui-se, por fim, que a pesquisa e seu desdobramento num material técnico e pedagógico contribuirão para o ensino de literatura sob uma perspectiva ainda pouco aplicada

na sala de aula, mais especificamente do ensino básico, com base na Semiótica greimasiana, e para o letramento literário.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. M. Palavra escrita: instrumento de resistência nas vozes narrativas de Carolina Maria de Jesus e Alice Walker. In: ARRUDA A A; BARROCA, Iara; TOLENTINO, Luana; MARRECO, M I. (org.). **Memorialismo e resistência**: estudos sobre Carolina Maria de Jesus. 1 ed. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2016.

BARROS, D. L. P. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1990.

BARROS, Mariana Luz Pessoa de. **O discurso da memória**: entre o sensível e o inteligível. 2011. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. doi:10.11606/T.8.2011.tde-29042013-101320. Acesso em: 23 abr. 2022.

BARROS, M. L. P. de. A memória do acontecido e a memória-acontecimento: um estudo semiótico dos gêneros autobiográficos. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 60, n. 2, 2016. DOI: 10.1590/1981-5794-1608-6. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/7706>. Acesso em: 23 abr. 2022.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

BRASIL. **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, 10 mar. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 10/07/2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. PROLER – **Programa Nacional de Incentivo à Leitura** – Decreto nº 519/92, de 13/05/1992. Disponível em: <http://catalogos.bn.br/proler/proler.htm>, Acesso em: 25/05/2022.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) – UFMG. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-literario> Acesso em: 01 de agosto de 2021.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

COSTA, José Carlos da; ALVES, Lourdes Kaminski. Representações da memória na literatura e na cultura. In: **Revista Investigações**. vol. 23, nº 1, Pernambuco: UFPE, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1338> Acesso em: 08 de maio de 2023.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 3. ed. rev. ampl.; 1. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

CUNHA, Maria Tereza Santos. Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro. **Revista Patrimônio e memória**, São Paulo, v. 3, n.1, p. 45-62, mai. 2007. Disponível em: < <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/8>>. Acesso em: 08 de maio de 2023.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasileiridade**. 1996. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

FARIAS, Tom. **Carolina: uma biografia**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de Oliveira (Org.) **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. 248p.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude Zilberberg. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. **Tensão e significação**. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Ilustração Vinícius Rossignol Felipe. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, Carolina Maria. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Carolina Maria. **Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada**. Rio de Janeiro, Editora Paulo de Azevedo, 1961.

KÖCHE, Vanilda Salton.; BOFF, Odete Maria Benetti. **Memórias literárias como um gênero textual na escrita**. Anais do V Simpósio Internacional de Gêneros Textuais – O Ensino em Foco. Caxias do Sul, agosto de 2009.

LAHNI, Cláudia R.; et al. **Culturas e diásporas africanas**. Juiz de Fora: UFJF, 2009.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1996.

LIBÂNIO, José Carlos. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MARQUES NETO, J. C. (Org.). **PNLL: textos e história**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. **Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

OLIVEIRA, Érica Cristina de. **De Quarto de despejo a Le dépôtair, o processo de refração na reescrita do diário de Carolina Maria de Jesus**. 2012. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/D.8.2012.tde-06122012-120830.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 8 ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROUXEL, A. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. *In: Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

SALOMÃO, Waly. Carta aberta a John Ashbery. *In: Poesia total*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SARAIVA, José Américo; LEITE, Ricardo Lopes. **Exercícios de Semiótica discursiva**. Fortaleza: Edições UFC, 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; com colaboração de Albert Riedlinger. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TADIÉ, Jean-Yves; TADIÉ, Marc. **Le sens de la mémoire**. Paris: Gallimard, 1999.

TATIT, Luiz. **Passos da Semiótica Tensiva**. Cotia - SP: Ateliê Editorial, 2019.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 4. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

TOLEDO, Christiane V. S. **O estudo da escrita de si nos diários de Carolina Maria de Jesus: a célebre desconhecida da literatura brasileira**. 2011. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Letras). PUC-RS, 2011.

TOLEDO, R. R. Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus: resgate da memória e construção da identidade. In: ARRUDA A A; BARROCA, Iara; TOLENTINO, Luana; MARRECO, M I. (Org.). **Memorialismo e resistência: estudos sobre Carolina Maria de Jesus**. 1 ed. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2016, v. 1, p. 157-173.

ZILBERBERG, Claude. **Elementos de Semiótica Tensiva**. Tradução: Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Beividas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

ZILBERMAN, Regina. No começo, a leitura. In: **Em aberto**, ano 16, n.69. Brasília:1996.

ZILBERMAN, Regina. Leitura e sociedade. In: **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1988.

ZILBERMAN, Regina. Ensinar é preciso – resistir também. In: **A função da literatura na escola**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2021.

APÊNDICE A – MATERIAL TÉCNICO E PEDAGÓGICO

UM DIÁRIO



& MUITAS CRÍTICAS SOCIAIS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)**

ORIENTADOR:

PROF.º DR. JOSÉ LEITE JUNIOR

AUTORIA:

KÁREN APARECIDA DE SOUSA ANDRADE

MATERIAL TÉCNICO E PEDAGÓGICO

PÚBLICO-ALVO: 9º ANO

ORIENTAÇÕES PARA O/A PROFESSOR/A

Professor/a, esse material técnico e pedagógico visa ao aprimoramento do letramento literário na sala de aula. A partir disso, ele foi pensado para ser realizado concomitantemente à leitura de *Quarto de despejo*: diário de uma favelada da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus.

Para conseguir realizar esse trabalho conjuntamente à leitura, serão seguidos pressupostos da sequência básica de Rildo Cosson exposta em seu livro *Letramento literário: teoria e prática* (2021).

SEQUÊNCIA BÁSICA DE COSSON	
Motivação	É o primeiro passo da sequência básica e busca a preparação para a entrada na leitura do texto pelo aluno. Pode ser feita de maneira temática ou por meio de atividades de leitura, escrita e/ou oralidade, já que ensino de língua e literatura podem se complementar.
Introdução	Na introdução, devem ser apresentados autor e obra. Vale ressaltar que aqui não se deve tratar de detalhes da vida que não serão interessantes para quem vai ler a obra, o que tornaria a aula expositiva longa em demasia. A respeito da obra, é importante justificar a escolha dela naquele momento e mostrar aos alunos o livro físico, porém é necessário cuidado para que não se alongar muito.
Leitura	Considerado um momento crucial, já que é o momento em que o leitor vai manusear o texto. Pode ser feita fora da escola, mas com retomadas a respeito dela dentro da sala de aula engendradas pelo professor, não como um vigilante da leitura, mas por meio dos <i>intervalos</i> , momentos em que se fará uma pausa sobre o assunto e posterior retomada, de forma que não sejam muito longos. Dessa forma, a leitura não será esquecida, mas também não será feita como uma imposição.
Interpretação	Esse momento é o da construção do sentido, já que nele se encontram leitor, autor e contexto, logo exige cuidados. Pode se dar em dois momentos: <i>interior</i> , traduzido pelo autor como “encontro do leitor com a obra” – etapas da leitura até que se chegue à conclusão, ao fechamento do livro – e <i>exterior</i> – materialização da interpretação em que se consegue compartilhar e ampliar os sentidos daquilo que foi lido.

Fonte: Organizado pela autora com base em Cosson (2021).

- Seção *A memória da fome*

Professor/a, essa seção abre a material técnico e pedagógico, portanto, inicia-se com a proposta de ser a *motivação* proposta na sequência básica de Cosson, que será feita por meio do trabalho com a pintura *Criança morta*, de Portinari, o que suscitará diversas discussões em torno da temática da precarização humana que também aparecerá na obra de Carolina Maria de Jesus.

Na atividade *Leitura de imagem*, antes mesmo de iniciar, você pode mostrar a imagem em estudo e fazer perguntas simples, cuja resposta esteja explícita na pintura, como: Quantas pessoas há na imagem?; Por que estão juntas? (pergunta hipotética); Como é a aparência delas?; Todas elas estão bem?

Posteriormente, o professor deve iniciar a apresentação da obra, pois há a leitura da primeira página do diário de Carolina. Essa leitura pode ser feita juntamente com a página 8 do material, na seção *O que Carolina tem?*, dessa forma, já se consegue chegar à *introdução* proposta por Cosson (ver quadro).

Assim, passa-se às atividades *Sobre a leitura* e *Mergulhando no texto* não ao mesmo tempo, mas gradualmente. Na primeira delas, há uma atividade basicamente interpretativa com cinco questões e uma conceituação a respeito de gênero memorialístico que será basilar para a obra em apreço.

Aproveite para discutir com seus alunos sobre os gêneros que existem no mundo virtual e que se assemelham ao diário, tais como: *blogs, vlogs, stories* e *status* de redes sociais. Comente também sobre a questão da efemeridade de alguns deles, diferenciando-os, assim, do diário com valor histórico, documental e literário. Além disso, cite a semelhança de conteúdo com a autobiografia, mas chame atenção para a diferença em relação a quem escreve diário e autobiografia ser menos ou mais conhecida pelo público.

Na *Mergulhando no texto*, como já é sugerido no título, há um certo aprofundamento nas questões relacionadas ao trecho do diário e a outros elementos relacionados ao gênero diário. A questão 6 dessa atividade faz uso da teoria Semiótica Discursiva uma teoria que tem como objetivo a busca pelos sentidos do texto, a qual chamamos Percurso gerativo do sentido. Em linhas gerais, tal percurso pode ser dividido em três níveis: fundamental, narrativo e discursivo. O primeiro é o nível mais profundo, o nível das abstrações, no qual identificamos oposições semânticas, por exemplo: cultura/natureza, sagrado/profano, liberdade/opressão. Alguns textos podem apresentar esse nível mais claramente, como em *Morte e Vida Severina*, já indicado no título do poema. O segundo nível, chamado de narrativo, está pautado numa transformação de um estado inicial para um estado final, os contos de fada comumente apresentam essas transformações, como a *Chapeuzinho Vermelho* que estava em casa quando sua mãe pediu que fosse à casa da vovó. O terceiro nível é o discursivo, o mais superficial dentre eles, porque é a concretização do nível narrativo. A atividade aqui apresentada busca tratar desse último nível por meio dos temas e figuras, mas de maneira ainda bem elementar. Para um maior aprofundamento nessa teoria, indicamos a leitura de *Elementos de Análise do Discurso* (FIORIN, 2016) e *Para entender o texto* (PLATÃO; FIORIN, 2003). Além disso, a atividade traz um quadro explicando temas e figuras que será crucial para a realização da atividade, vale o destaque durante a aula.

- **Seção *O que Carolina tem?***

Professor/a, a abertura da seção deve ser feita ainda junto com a anterior, como já foi explicitado, aproveite e disponibilize para seus alunos uma animação da biografia da autora que foi veiculada no programa Fantástico da Rede Globo, mas que pode ser facilmente encontrado no YouTube. A atividade Sobre a autora pode ser realizada em casa pelos estudantes e retomada na aula seguinte.

Há ainda uma conceituação de *vocativo*, já que é um recurso linguístico bastante explorado no gênero em estudo, com exemplificações e, posteriormente, a Hora de exercitar, atividade para e utilização na prática do vocativo.

Além disso, a seção traz ainda a estrutura básica do diário e exemplos de outros diários conhecidos e páginas de diário e carta para que possa ser comparada a estrutura dos dois gêneros, dadas as semelhanças. Acrescenta-se, ainda, dicas e sugestões de eventos e canais para a publicação das páginas que os alunos produzirão.

Por fim, há a primeira produção textual e a reescrita do diário, com a correção da primeira feita entre os próprios alunos. É importante que se chame a atenção deles para a seriedade de corrigir a atividade de alguém. Além da oralidade, com uma possível gravação feita pelo discente de seu trabalho para publicação em *blog*.

Professor, uma outra ferramenta interessante para a atividade de oralidade é o Padlet, um mural on-line que aceita fotos, vídeos, textos, que podem ser comentados e curtidos pelos colegas.

É válido lembrar que se espera ler *Quarto de despejo*: diário de uma favelada enquanto as atividades são feitas, pois, assim, é possível marcar os intervalos de leitura sugeridos por Cosson (ver quadro), nos quais são feitas atividades e lidos textos que “conversem” com a obra em apreço.

- **Seção *É verbal ou não verbal?***

Tem início com a leitura de um trecho da obra de Carolina Maria de Jesus em comparação com uma charge que mantém a temática da fome. Assim, a atividade posterior às leituras busca compará-las e acrescentar informações novas, tais como o conceito de provérbio, para que os alunos consigam identificar o uso dentro do texto.

Posteriormente, há uma conceituação sobre as linguagens verbal, não verbal e mista, com exemplificação a partir da *graphic novel Carolina*, de João Pinheiro e Sirlene Barbosa, a fim de mostrar a mistura das linguagens.

Após isso, há uma explicação sobre o gênero tirinha e características, além da exemplificação com um texto de Alexandre Beck da personagem Armandinho. Professor, não perca a oportunidade de conversar com os alunos a respeito da temática racial presente na tirinha.

Por fim, há uma produção textual em duplas de uma tirinha a partir da obra *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. Nesse momento, espera-se que a leitura já esteja bem avançada e que os discentes já conheçam o livro para fazer a escolha.

- Seção É normal não ter comida?

Essa é a última parte do caderno pedagógico e espera-se que a leitura do livro já tenha sido finalizada para que a fase da interpretação da sequência básica de Cosson se dê de forma satisfatória e que o letramento literário tenha sido alcançado.

Professor, por ser um assunto muitas vezes próximo da realidade dos alunos da escola pública, a falta de acesso ao alimento deve ser amplamente debatida até o final desse instrumento pedagógico, além de ser recorrente na obra em estudo, *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. Para isso, é necessário estimular os estudantes a chegarem a um nível de criticidade em que se entenda que tal situação tão falada não seja encarada como algo “normal”, como na atividade *Para começar a conversa...*, em que são feitas perguntas de cunho mais pessoal sobre a temática da fome.

Posteriormente, faz-se a *Hora da leitura*, na qual há uma manchete de jornal e um trecho do livro para comparação. Foi disponibilizado o QR code caso se queira acessar a notícia completa. Espera-se aqui que os alunos façam uma relação entre as épocas e notem de forma crítica que o passado voltou a assombrar as pessoas negativamente com a miséria.

Na atividade *Leitura*, são feitas perguntas relativas à manchete e ao trecho do livro, comparando-os e uma outra que pergunta sobre o conhecimento deles a respeito da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Logo após a atividade, deve ser apresentada aos alunos a Lei 11.346 de 2006 e comentada por meio da atividade *Hora de opinar*. Além disso, a seção é finalizada com uma atividade de oralidade *Atividade expositiva em grupo*, no intuito de que sejam feitas pesquisas sobre Declaração Universal dos Direitos Humanos, Organização das Nações Unidas e Constituição Federal brasileira para que desenvolvam suas apresentações e, por fim, tentem relacionar à leitura empreendida de *Quarto de despejo*: diário de uma favelada.

OLÁ, ALUNO(A)S !

Neste caderno, iremos conhecer uma obra da literatura chamada *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus.

Você conhece este livro?

Trata-se de um relato a respeito das dificuldades enfrentadas por uma mulher e seus três filhos que vivem em pobreza extrema na cidade de São Paulo.

Mais adiante, estudaremos sobre coerência textual por meio de *temas e figuras*

e produziremos textos escritos e orais.

Que tal criarmos um *vlog* contando um pouco das nossas rotinas diárias?

Vamos movimentar as redes sociais?

SUMÁRIO

1

A MEMÓRIA DA FOME

7

O QUE CAROLINA TEM?

18

É VERBAL OU NÃO VERBAL?

25

É NORMAL NÃO TER COMIDA?

30

BNCC EM USO

32

REFERÊNCIAS

A MEMÓRIA DA FOME

LEITURA DE IMAGEM



Criança morta, de Cândido Portinari

[HTTPS://MASP.ORG.BR/UPLOADS/COLLECTION/OBGN49CIRSGX2IZGMUAQFX5G9PHSABAR.JPG](https://masp.org.br/uploads/collection/obgn49cirsqx2izgmuaqfx5g9phsabar.jpg)

1. Observe atentamente a imagem, as cores, os elementos que compõem a tela e descreva-a.
2. No centro da pintura, há um bebê morto nos braços da mãe. Levante hipóteses: qual seria a causa da morte da criança?
3. A imagem pode ser associada a alguns problemas sociais. Quais?
4. Pesquise um pouco sobre o pintor brasileiro Cândido Portinari e busque identificar quais temas fazem parte dos quadros pintados pelo artista. Registre a pesquisa no caderno.
5. Na sua pesquisa sobre o pintor, conseguiu identificar alguma outra pintura cuja temática seja parecida com *Criança morta*? Qual(is)?

15 DE JULHO DE 1955

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar.

Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se.

Passei o dia indisposta. Percebi que estava resfriada. A noite, o peito doía-me. Comecei tussir. Resolvi não sair a noite para catar papel. Procurei meu filho João José. Ele estava na rua Felisberto de Carvalho, perto do mercadinho. O ônibus atirou um garoto na calçada e a turba aluiu-se. Ele estava no núcleo. Dei-lhe uns tapas e em cinco minutos ele chegou em casa.

Ablui as crianças, aleitei-as e ablui-me e aleitei-me. Esperei até as 11 horas, um certo alguém. Ele não veio. Tomei um melhoral e deitei-me novamente. Quando despertei o astro rei deslizava no espaço. Minha filha Vera Eunice dizia: - Vai buscar água mamãe!”

(Fonte: JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 8. ed. São Paulo: Ática, 2000).

SOBRE A LEITURA

1. Que evento citado motivou a escrita do texto?
2. O texto apresenta um desejo da mãe de presentear a filha. O que ela fez para conseguir realizar esse desejo?
3. O texto relata algumas ações que a mãe realizava para conseguir alimentar sua família. Que ações eram essas?
4. Por que a mãe não conseguiu sair à noite para catar papel?
5. Procure o professor de matemática e faça pesquisas em busca de relacionar os valores em cruzeiros contidos no texto com os valores atuais, em real. A que conclusões chegou?

GÊNERO MEMORIALÍSTICO



"O gênero memorialístico insere-se no estatuto de textos referenciais que relatam a trajetória de uma vida, são documentos que 'servem', inicialmente, à história e têm grande valor literário a partir da transformação da linguagem e seu discurso esteticamente elaborado."

Fonte: COSTA, José Carlos da; ALVES, Lourdes Kaminski. Representações da memória na literatura e na cultura. In: Revista Investigações. vol. 23, nº 1, Pernambuco: UFPE, 2010 (Adaptado)

Os diários e as autobiografias são exemplos de texto do gênero memorialístico.



MERGULHANDO NO TEXTO

1. Após a leitura do *box* Gênero Memorialístico, indique os elementos no texto que o caracterizem como um diário.
2. Assim como a autora, você tem o hábito de escrever diários ou conhece alguém que tenha esse hábito?
3. O que você entende quando a autora diz que "Atualmente somos escravos do custo de vida."?
4. No terceiro parágrafo, a autora afirma ter adoecido e, por isso, ela não pode ir trabalhar. Levando em consideração que seu trabalho não é fixo, como fica a situação financeira da família? Explique.
5. Qual o sentido do verbo "abluir" no texto? Relacione o significado às condições precárias da família. *Faça uso do dicionário.*



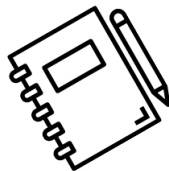
TEMAS E FIGURAS

Os textos, de maneira geral, permitem que o leitor identifique palavras e expressões que são centrais para compreender o texto. Na página de diário que lemos, a ideia central é a pobreza. Ao longo da leitura, as palavras vão sendo repetidas por meio de outras palavras, que chamaremos de *temas* e *figuras*, as quais garantem a coerência textual. As *figuras* são as expressões de natureza mais concreta, relacionadas às coisas que a mãe pode ou não comprar, como o sapato da sua filha. Já os *temas* são expressões mais abstratas e têm relação com o que ela busca consumir e, por vezes, não consegue. Em outras palavras, no texto as *figuras* têm a ver com as relações de uso (vestuário e alimentos), enquanto os temas, com as relações de troca (comércio e consumo).



6. Com a leitura do box Temas e Figuras, identifique na página do diário as relações de uso (*figuras*) e as relações de troca (*temas*) presentes no texto.

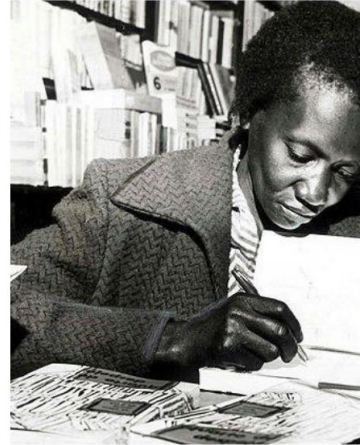
FIGURAS	TEMAS
sapato	Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo



O QUE
CAROLINA
TEM?

SOBRE A AUTORA

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) foi uma autora brasileira, considerada uma das primeiras e mais destacadas escritoras negras do país. Ela é autora do livro *best seller* autobiográfico “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”.



Morando em uma favela, durante a noite trabalha como catadora de papel. Lê tudo que recolhe e guarda as revistas que encontra. Estava sempre escrevendo o seu dia a dia.

FONTE:

https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/



SOBRE A AUTORA



Disponível em:

<https://br.pinterest.com/pin/65231894586970320/>

1. Pesquise em outras fontes a respeito da vida da autora e registre no caderno.
2. Escolha, a partir dessa pesquisa, uma informação a respeito de Carolina Maria de Jesus que tenha lhe chamado mais atenção, anote-a e depois exponha para os colegas por que escolheu essa informação.
3. O título desta seção é *O que Carolina tem?*. De que forma o verbo "ter" se torna essencial para entender a história da autora?
4. Na sua opinião, escrever sobre a vida num diário torna as coisas *menos difíceis* para quem escreve? Por quê?



ANÁLISE LINGÜÍSTICA

PARA RELEMBRAR



O que é um VOCATIVO?

Vocativo é um termo acessório da oração, isto é, acrescenta uma nova informação, porém não é um elemento indispensável para a compreensão completa do sentido a ser expresso.

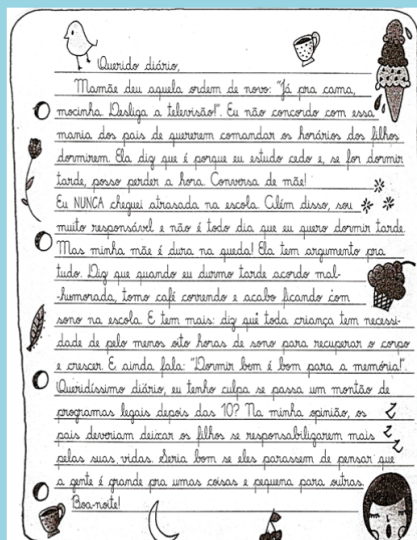
A principal função de um *vocativo* dentro de um enunciado é chamar ou estabelecer uma comunicação com um interlocutor, por exemplo:

- *Senhor Manoel*, o senhor não errou na conta?
- Não. Porque?
- Porque o saco de latas não pesava tanto para eu ganhar 31 cruzeiros. É a quantia que eu preciso para pagar a luz.

JESUS, Carolina Maria. Quarto de despejo: diário de uma favelada. Ilustração: Vinicius Rossignol Felipe. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014, p.19.

No trecho acima, temos um exemplo do uso do *vocativo*, a fim de estabelecer uma comunicação ao dizer "Seu Manoel", em que se busca iniciar uma comunicação. É importante destacar que o *vocativo* deve ser isolado do restante da oração por meio de vírgula.

DURANTE O APROFUNDAMENTO DOS ESTUDOS, VOCÊ UTILIZARÁ O *VOCATIVO*, JÁ QUE NO DIÁRIO É BASTANTE UTILIZADO POR QUEM ESCREVE PARA INICIAR O TEXTO. VEJA:



DISPONÍVEL EM:
[HTTPS://ENSINARHOJE.COM/GENERO-TEXTUAL-PAGINA-DE-DIARIO-TEXTO-E-QUESTOES/](https://ensinarhoje.com/genero-textual-pagina-de-diario-texto-e-questoes/)

TEM MAIS...



É importante saber que o *vocativo* é bastante utilizado nos textos literários, já que estes podem estar repletos de diálogos, o que implica nesses *chamamentos*. A exemplo disso, tem-se o texto teatral, o qual tem a característica das falas bem marcadas dos personagens e que faz bastante uso desse recurso linguístico, como no exemplo a seguir retirado do livro *A Cor Púrpura*, de Alice Walker:

A próxima dizia,

Querida Celie,

Eu fico pensando que ainda é cedo demais pra esperar uma carta sua. Eu sei o tanto que você está ocupada com todas essas crianças do Sinhô _____. Mas eu tenho tantas saudades de você. Por favor me escreva assim que você tiver uma chance. Todo dia eu penso em você. Cada minuto. A senhora que você conheceu na cidade se chama Corrine. A menininha se chama Olivia. O marido é Samuel. O nome do menino é Adam. Eles são religiosos praticantes e me tratam muito bem. Vivem numa boa casa ao lado da igreja onde o Samuel prega, e nós passamos muitas horas cuidando das coisas da igreja. Eu digo “nós” porque eles sempre procuram me incluir em tudo que fazem, assim eu não me sinto tão à parte e sozinha. Mas, meu Deus, Celie, como sinto sua falta! Eu penso naquela vez que você se entregou por mim. Eu amo você com todo o meu coração.

Sua irmã,

Nettie

WALKER, Alice. *A Cor Púrpura*. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 2016. pp. 152 e 153.

VOCÊ SABIA?

Com o livro *A Cor Púrpura*, Alice Walker ganhou o prêmio Pulitzer de 1983. É um prêmio importante para a literatura. Nos anos 1960, Carolina Maria de Jesus recebeu, com a publicação de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, título honorífico da *Orden Caballero del Tornillo*, na Argentina, em 1961.



HORA DE EXERCITAR



Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis.

Tem a Maria José, mais conhecida por Zefa, que reside no barracão da Rua B numero 9. É uma alcoolatra. Quando está gestante bebe demais. E as crianças nascem e morrem antes dos doze meses. Ela odeia-me porque os meus filhos vingam e por eu ter radio. Um dia ela pediu-me o radio emprestado. Disse-lhe que não podia emprestar. Que ela não tinha filhos, podia trabalhar e comprar. Mas, é sabido que pessoas que são dadas ao vicio da embriaguês não compram nada. Nem roupas. Os ebrios não prosperam. Ela as vezes joga agua nos meus filhos. Ela alude que eu não expanco os meus filhos. Não sou dada a violência. O José Carlos disse:

– Não fique triste mamãe! Nossa Senhora Aparecida há de ter dó da senhora. Quando eu crescer eu compro uma casa de tijolos para a senhora. [...]

JESUS, Carolina Maria. Quarto de despejo: diário de uma favelada. Ilustração: Vinicius Rossignol Felipe. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014, p.17.

VOCABULÁRIO

soez: 1. barato, sem nenhum valor; desprezível, reles, vulgar;
2. que não tem bom caráter; baixo, vil, ordinário.

1. A partir da leitura do trecho do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, responda:

- Há algum uso do vocativo no trecho acima? Se sim, identifique o trecho.
- Como foi possível perceber que a autora se utilizou desse recurso?
- Ao fazer a identificação do vocativo, é possível afirmar que falta um elemento importante na construção do enunciado. Qual seria ele?
- Levante hipóteses: Por que Carolina não utilizou tal recurso?
- Isso causou prejuízo ao entendimento do leitor? Justifique sua resposta.

2. Utilizando-se de um vocativo, crie uma possível resposta dada ao filho pela mãe. Não esqueça de colocar em prática a regra de pontuação própria deste elemento da língua portuguesa.



DE OLHO NA TEORIA

VOCÊ SABIA?



Os textos do gênero diário relatam fatos vividos pelo autor e apresentam reflexões, opiniões e sentimentos.

É um texto que retrata uma comunicação íntima.

O conteúdo é escrito diariamente ou existe um pequeno intervalo entre as páginas. Geralmente sua estrutura é composta de: data, vocativo e assinatura.

NOTES



O diário é um texto particular, íntimo, usado para registrar seu dia a dia, por isso a linguagem costuma ser mais descontraída, com frases e palavras simples, embora alguns autores tenham uma escrita mais rebuscada. Em geral, o leitor do diário é o próprio autor, mas existem versões que foram publicadas.

O diário de Anne Frank

Anne Frank faz uma narrativa dos dilemas e desafios, entre medos e alegrias, dos dias que lutou junto com sua família judia pela sobrevivência. O contexto histórico se passa no II Guerra Mundial e a menina denuncia os horrores cometidos contra os judeus, tornando o livro um dos mais lidos do mundo. *O diário de Anne Frank* é uma leitura carregada de sentimentos e considerada uma das obras mais importantes do século XX.



Diário do hospício

Diário do hospício é um documento impressionante, no qual Lima Barreto narra o período em que ficou internado no Hospital Nacional dos Alienados, no Rio de Janeiro, entre o Natal de 1919 e fevereiro de 1920. O volume, publicado postumamente em 1953, reúne ainda a obra *O cemitério dos vivos*. Nesta edição, há um conjunto inédito de informações que entrelaçam temas como psiquiatria, história e crítica literária.



ESTRUTURA BÁSICA DO DIÁRIO

- Referência ao período em que foi escrita a página do diário por meio da data
- Vocativo se referindo ao interlocutor (nesse caso, o próprio diário)
- As situações vividas pelo autor-personagem naquele período
- Assinatura



É possível perceber que a estrutura do diário lembra bastante a de uma carta, como nos exemplos a seguir:

PÁGINA DE DIÁRIO

Belo Horizonte, 03/03/2020

Querido diário,

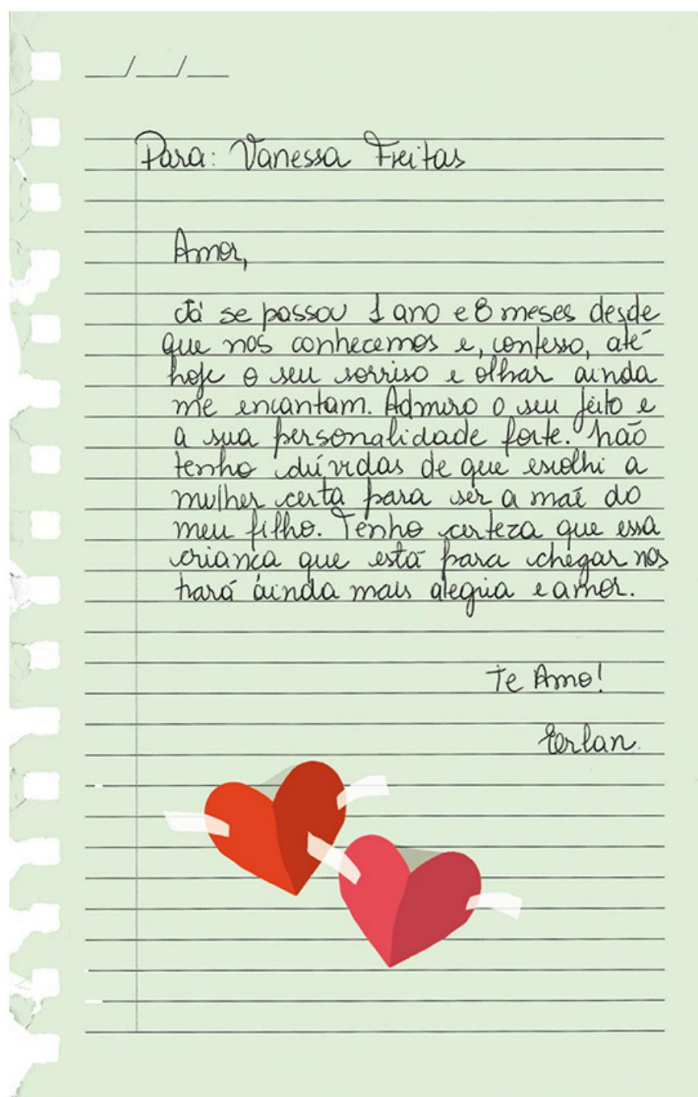
Hoje foi um dia muito especial para mim! Depois de muito tempo, reencontrei minha melhor amiga, a Vanessa. Fomos fazer o que mais amávamos na nossa infância: tomar sorvete na sorveteria na esquina da nossa antiga escola.

Conversamos muito e matamos a saudade. Rimos das histórias hilárias do nosso tempo de colégio e contamos como as nossas vidas mudaram desde então. Espero muito reencontrá-la em breve e que seja um dia tão feliz como este.

Joana Lopes

Disponível em: <https://www.significados.com.br/genero-textual-diario/>.

CARTA



Disponível em: <https://atarde.com.br/muito/escrevem-se-cartas-de-amor-786508>.

NA PRÁTICA...

- Identifique os elementos estruturais presentes tanto na página de diário quanto na carta vistos anteriormente.

PRODUÇÃO TEXTUAL

PLANEJANDO MEU DIÁRIO

Agora que você já sabe como é o gênero diário, que tal escrever o seu?

A produção escrita será realizada, em sala de aula, e apresentada no formato de **vlog** (na semana Literária).

No primeiro momento, teremos a primeira escrita do diário e, após a análise do texto, a reescrita. Posteriormente à reescrita, todas as produções serão gravadas (produção oral) e colocadas no blog da escola.

PRÁTICA

- Planejar seu texto. Anote os fatos que você queira destacar. Exemplos: Quando aconteceu? Onde? O que ocorreu? Quais pessoas envolvidas?
- Utilizar a primeira pessoa. Não esqueça de usar palavras que revelem suas opiniões e suas sensações.
- Empregar uma linguagem informal, mas esteja atento às convenções de escrita, como: ortografia, parágrafos, coesão, coerência etc.
- Não esquecer de utilizar data, vocativo e assinatura. Embora não exista uma fórmula exata para a composição do diário, esses elementos costumam aparecer no texto.

ANTES DE
COMEÇAR



PARA TER UMA APRESENTAÇÃO PADRONIZADA, SIGA OS PASSOS ABAIXO:

1. Anote na folha a data e o vocativo.
2. Redija o seu texto relatando as suas vivências. Inclua opiniões, reflexões e sentimentos.
3. Lembre-se de colocar quando as situações ocorreram, pode separar pelas datas.
Não esqueça de utilizar os verbos no passado.
4. Após a escrita dos acontecimentos, você pode escrever um parágrafo explicando por que esses fatos ficaram em sua memória.
5. Assine o texto, incluindo, se desejar, uma despedida.

Uma excelente apresentação!

PRODUÇÃO TEXTUAL

DICA DE PROFESSOR

Agora que você tem a primeira versão do seu diário, releia para identificar e corrigir seus desvios. Observe a organização do texto, suas ideias e, principalmente, os parágrafos.

Após a revisão do seu texto, agora é a vez de compartilhá-lo com os colegas. Nesse momento de reescrita, cada aluno deve ler o texto do colega e avaliá-lo. Para ajudar nessa fase, vamos disponibilizar um quadro com critérios para essa avaliação.

AVALIAÇÃO	
1	O texto apresenta data e vocativo?
2	No texto há eventos marcantes? As informações principais foram apresentadas utilizando os verbos no passado?
3	O texto apresenta fatos pessoais?
4	O texto, embora informal, segue as convenções ortográficas? Tem uma coerência no que foi escrito? Os parágrafos foram utilizados corretamente?

Após a correção do texto do colega, explique as contribuições que foram realizadas por você. Se necessário, explique a ele sobre as suas escolhas ou escreva-as, a lápis, no próprio texto.

LEMBRE-SE

O momento da reescrita é tão importante quanto o da escrita. Após os comentários do seu colega, leia o texto atentamente e planeje as mudanças.

Em seguida, reescreva o seu texto.

Reorganize os parágrafos e verifique se nele consta a sua ideia central.



ORALIDADE



Agora que você já conhece o gênero textual diário e já tem uma produção escrita pronta, que tal apresentá-la para a turma no *blog* da escola?



E se fizéssemos uma feira literária on-line?

*Portanto, as produções escritas, realizadas em sala de aula, deverão ser no formato de vídeo (vlog), o qual deverá ser postado no **blog** da escola.*

*Já pensou como vai ser "massa" ter acesso a muitos vídeos no nosso **blog**?*

Vocês vão ficar fora dessa?

PARA TER UMA APRESENTAÇÃO PADRONIZADA, SIGA OS PASSOS ABAIXO:



1. Escolha um fragmento do seu texto escrito e elabore um roteiro de falas que deverá ser apresentado.
2. Escolha um local tranquilo para realizar a gravação de seu vídeo.
3. Lembre-se de que, antes da gravação, é importante que você ensaie suas falas para ter mais segurança durante a gravação.
4. Na apresentação, fale em voz alta, devagar, com fluência e pronunciando claramente as palavras.
5. Após a gravação, não se esqueça de verificar se o vídeo e o áudio estão sincronizados.
6. Cada aluno deve postar seu vídeo editado no *blog* da escola.
7. Na página, terá um espaço para que seus colegas possam tecer comentários sobre sua produção.



BLOG



É VERBAL OU NÃO VERBAL?

LEITURA



30 de maio

...Troquei a Vera e saímos. Ia pensando: Será que Deus vai ter pena de mim? Será que eu arranjo dinheiro hoje? Será que Deus sabe que existe as favelas e que os favelados passam fome?

... O José Carlos chegou com uma sacola de biscoitos que catou no lixo. Quando eu vejo eles comendo as coisas do lixo penso: E se tiver veneno? É que as crianças não suporta a fome. Os biscoitos estavam gostosos. Eu comi pensando naquele provérbio: quem entra na dança deve dançar. E como eu também tenho fome, devo comer.

JESUS, Carolina Maria. Quarto de despejo: diário de uma favelada. Ilustração: Vinicius Rossignol Felipe. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014, p.p. 46 e 47.

UMA IMAGEM...



Disponível em: <https://suburbanodigital.blogspot.com/2019/07/charge-de-ivan-cabral-barriga-mentirosa.html>

LEITURA

1. Há uma relação entre os dois textos. Qual?
2. Com base na leitura do trecho do diário, Carolina era uma mulher de fé? Justifique sua resposta com um trecho do texto.
3. Levante hipóteses:
 - Por que Carolina pensou que os biscoitos poderiam estar envenenados?
 - Mesmo assim a catadora comeu. O que não a impediu de ingerir os biscoitos?
4. Você sabe o que é um provérbio? Conhece algum famoso? (Se sim, exemplifique.)

Provérbio: s.m.

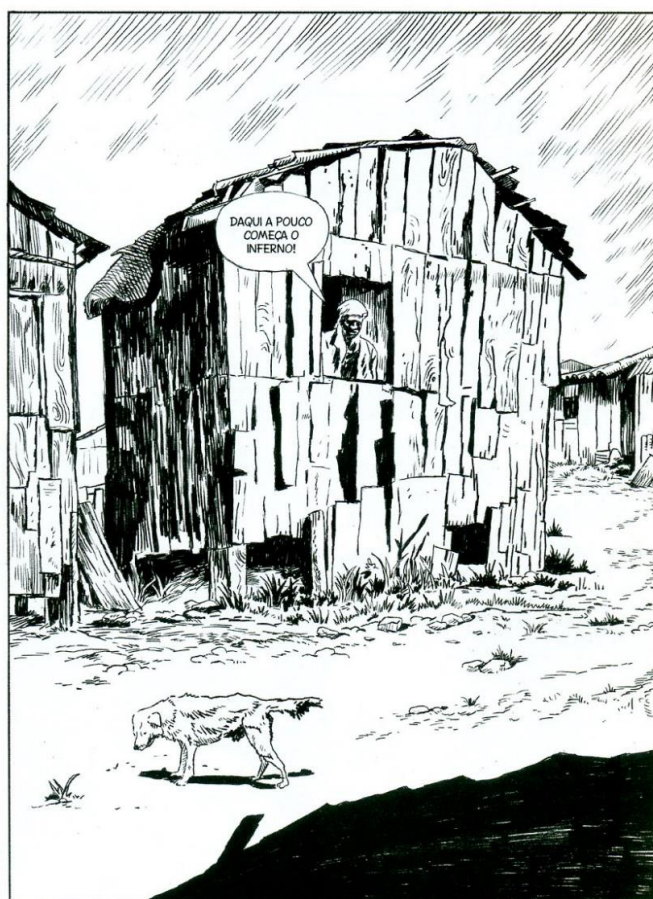
1 Frase curta de caráter prático e popular, geralmente com ritmo e rima, rica em imagens e sentidos figurados, que contém uma síntese a respeito de uma regra social ou moral; aforismo, anexim, ditado, máxima, rifão.

2 No Velho Testamento, pequena frase com o intuito de aconselhar ou educar; pensamento.

5. Identifique, no trecho do diário, e copie um provérbio que foi utilizado pela autora-personagem.
6. Explique o sentido que pode ser atribuído ao provérbio utilizado por ela.
7. Levante hipóteses:
 - Na charge, por que o menino diz à mãe que sua barriga está "mentindo"?
8. O que as expressões faciais da criança e da mulher sugerem?
9. Identifique uma frase presente no trecho que possa ser relacionada à expressão facial da criança ou da mãe (ou de ambos), anote no caderno e explique o motivo da escolha.
10. Identifique, no trecho do diário de Carolina, dois verbos que estejam em tempos verbais diferentes e explique que efeito esse uso causa no texto.

LINGUAGEM VERBAL E NÃO VERBAL

A comunicação é essencial para o ser humano. Para isso, pode se utilizar de palavras, de imagens, desenhos, etc. Ao fazer uso da linguagem oral ou escrita, põe-se em prática a *linguagem verbal*, cujo foco está na *palavra*. Já a *linguagem não verbal* aparece quando se utiliza pinturas, dança, símbolos etc. Além dessas duas, há ainda a *linguagem mista* que consiste na utilização da verbal e da não verbal ao mesmo tempo. A seguir, há um exemplo do uso da linguagem mista na *graphic novel Carolina*, de João Pinheiro e Sirlene Barbosa:



Disponível em:
<http://lerbd.blogspot.com/2016/09/carolina-sirlene-barbosa-e-joao.html>

A tirinha



A tirinha é uma sequência de quadrinhos que geralmente faz uma crítica aos valores sociais. Este tipo de texto humorístico é publicado com regularidade. Pode-se dizer que são como as histórias em quadrinhos (HQ's), porém bem mais curtas. As tirinhas podem estar contidas em jornais, revistas e em sites da Internet.

Características

- Balões de variados tipos e formas que mostram os diálogos dos personagens ou suas ideias.
- Possui elementos básicos de narrativa, tais como personagens, enredo, lugar, tempo e desfecho.
- Sequência de imagens que montam uma cena.

Disponível em: <https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/eaja/tirinha/>

Vejamos a seguir um exemplo de tirinha do personagem Armandinho, idealizado por Alexandre Beck:



Disponível em: <https://twitter.com/Quebrando0Tabu/status/1263499798541287424>

PRODUÇÃO TEXTUAL

Agora que você conheceu melhor o gênero textual *tirinha*, é a sua vez de produzir um texto cuja característica principal seja utilizar a linguagem mista, isto é, linguagem verbal e não verbal ao mesmo tempo.

Para isso, em dupla com um colega da sala, escolha um momento da leitura do diário de Carolina Maria de Jesus, intitulado *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, e reproduza a tirinha sob essa nova perspectiva apresentada.

- Sua tirinha deve ter no máximo três quadrinhos, um ao lado do outro;
- Poderá trocar expressões utilizadas no texto original, mas não deve modificar a temática apresentada;
- As cores dos desenhos são de livre escolha.



É NORMAL NÃO TER COMIDA?



PARA COMEÇAR A CONVERSA...

- O que você entende como *fome*?
- Na sua opinião, *sentir fome* e *passar fome* são a mesma coisa? Justifique sua resposta.
- Você acredita que a ausência de alimentação é uma escolha das pessoas?
- Quando as pessoas não têm o que comer, devem recorrer a quem na sua opinião?



Imagens disponíveis em: <https://www.canva.com/>



HORA DA LEITURA

g1

CEARÁ

Moradores coletam comida em caminhão de lixo em Fortaleza; vídeo

Comida era descartada por supermercado no Bairro Cocó e iria para caminhão de lixo. Funcionário de supermercado diz que pessoas buscam comidas vencidas e descartadas.

Por Gioras Xerez, g1 CE

18/10/2021 12h11 - Atualizado há um ano



Disponível em:

<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/10/18/moradores-coletam-comida-em-caminhao-de-lixo-em-fortaleza.ghtml>



13 de junho... Vesti as crianças e eles foram para a escola. Eu fui catar papel. No frigorífico vi uma mocinha comendo salchichas do lixo. —Você pode arranjar um emprego e levar uma vida reajustada.

Ela perguntou-me se catar papel ganha dinheiro. Afirmei que sim. Ela disse-me que quer um serviço para andar bem bonita. Ela está com 15 anos. Época que achamos o mundo maravilhoso. Época em que a rosa desabrocha. Depois vai caindo pétala por pétala e surgem os espinhos. Uns cançam da vida, suicidam. Outros passam a roubar. (...) Olhei o rosto da mocinha. Está com boqueira.

... Os preços aumentam igual as ondas do mar. Cada qual mais forte. Quem luta com as ondas? Só os tubarões. Mas o tubarão mais feroz é o racional. É o terrestre. É o atacadista.

A lentilha está a 100 cruzeiros o quilo. Um fato que alegrou-me imensamente. Eu dancei, cantei e pulei. E agradei o rei dos juizes que é Deus. Foi em janeiro quando as águas invadiu os armazéns e estragou os alimentos. Bem feito. Em vez de vender barato, guarda esperando alta de preços: Vi os homens jogar sacos de arroz dentro do rio. Bacalhau, queijo, doces. Fiquei com inveja dos peixes que não trabalham e passam bem.

[...]

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014. p. 60.

LEITURA

1. O que ocasionou a escrita da notícia?
2. Qual é o ponto em comum entre a notícia e o trecho da página do diário de Carolina? Como chegou a essa conclusão?
3. Você já ouviu falar em Declaração Universal dos Direitos Humanos? Imagina o que tem nessa declaração?



LEI Nº 11.346, DE 15 DE SETEMBRO DE 2006.

CAPÍTULO I

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 1º Esta Lei estabelece as definições, princípios, diretrizes, objetivos e composição do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN, por meio do qual o poder público, com a participação da sociedade civil organizada, formulará e implementará políticas, planos, programas e ações com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada.

Art. 2º A alimentação adequada é direito fundamental do ser humano, inerente à dignidade da pessoa humana e indispensável à realização dos direitos consagrados na Constituição Federal, devendo o poder público adotar as políticas e ações que se façam necessárias para promover e garantir a segurança alimentar e nutricional da população.

§ 1º A adoção dessas políticas e ações deverá levar em conta as dimensões ambientais, culturais, econômicas, regionais e sociais.

§ 2º É dever do poder público respeitar, proteger, promover, prover, informar, monitorar, fiscalizar e avaliar a realização do direito humano à alimentação adequada, bem como garantir os mecanismos para sua exigibilidade.

Art. 3º A segurança alimentar e nutricional consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111346.htm

HORA DE OPINAR



O texto anterior, Lei 11.346/2006 aborda uma questão polêmica: a insegurança alimentar, que afeta milhões de pessoas, não somente aqui no Brasil, mas em diversas outras regiões do planeta.

Debata com os colegas:

- O problema da fome e da precariedade vivida por essas pessoas é recente? Justifique sua resposta.
- A criação da Lei 11.346 conseguiu acabar com a fome dos brasileiros por completo? Justifique sua resposta.

ORALIDADE

ATIVIDADE EXPOSITIVA EM GRUPO

Os grupos deverão pesquisar:

- Declaração Universal dos Direitos Humanos
- Organização das Nações Unidas
- Constituição Federal brasileira

Esses temas devem ser subdivididos em:

- O que é?
- Como surgiu/foi criada?
- Qual o objetivo?
- Como impactou/impacta na vida das pessoas?
- Como podem ser relacionados à notícia "Moradores coletam comida em caminhão de lixo em Fortaleza" do G1 e com a página do diário de Carolina?



BNCC EM USO

BNCC EM USO

A Base Nacional Comum Curricular foi utilizada como fundamento para justificar a escolha na produção das questões, desde as competências mais gerais da área de Linguagens até habilidades específicas para o ensino fundamental - anos finais. Dessa forma, seguem alguns dos pressupostos orientadores para este material técnico:

- Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
- Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
- Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
- Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.
- Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

(EF67LP33) Pontuar textos adequadamente.

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

(EF89LP32) Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade (referências, alusões, retomadas) entre os textos literários, entre esses textos literários e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, artes visuais e midiáticas, música), quanto aos temas, personagens, estilos, autores etc., e entre o texto original e paródias, paráfrases, pastiches, trailer honesto, vídeos-minuto, vidding, dentre outros.

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 11.346 de 15 set. 2006. Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências. Diário Oficial da União. 18 set 2006. [internet]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11346.htm

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

FIORIN, José Luiz. Elementos de análise do discurso. 13. ed. rev. e ampl. São Paulo: Contexto, 2005.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, J. Dicionário de Semiótica. São Paulo: Contexto, 2008.

JESUS, Carolina Maria. Quarto de despejo: diário de uma favelada. Ilustração: Vinicius Rossignol Felipe. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

PINHEIRO, João; BARBOSA, Sirlene. Carolina. 3. ed. (Pesquisa e argumento de Sirlene Barbosa. Roteiro e desenhos de João Pinheiro.) São Paulo: Veneta, 2018.

WALKER, Alice. A Cor Púrpura. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 2016.